

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE**

**Curso de Psicologia**

**JULIA DI GIOIA SACUCHI**

**A RELAÇÃO ENTRE TRANSTORNO DISMÓRFICO MUSCULAR E AS REDES  
SOCIAIS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA**

São Paulo  
2024

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE**

Curso de Psicologia

Julia Di Gioia Sacuchi

**A RELAÇÃO ENTRE TRANSTORNO DISMÓRFICO MUSCULAR E AS REDES  
SOCIAIS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA**

Trabalho de conclusão de curso da  
graduação apresentado à Faculdade de  
Ciências Humanas e da Saúde da  
Pontifícia Universidade Católica São  
Paulo como exigência parcial para  
graduação no curso de Psicologia.

Orientador: Prof. Dra. Ivelise Fortim

São Paulo  
2024

## **A RELAÇÃO ENTRE TRANSTORNO DISMÓRFICO MUSCULAR E AS REDES SOCIAIS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA**

**Orientanda:** Julia Di Gioia Sacuchi

**Orientadora:** prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivelise Fortim de Campos

### **Resumo**

Recentemente o uso de redes sociais e a alta em transtornos dismórficos corporais e alimentares, tais como o transtorno dismórfico muscular, têm ganhado destaque na sociedade, uma vez que estão presentes no cotidiano do corpo social no geral. Motivada por tal destaque, esse trabalho tem como objetivos realizar uma revisão bibliográfica do material já produzido com o enfoque temático na possível relação do uso de redes sociais e o desenvolvimento do transtorno dismórfico muscular a fim de verificar tal relação, podendo ser classificada como correlação positiva, quando há uma relação de influência das redes sociais no desenvolvimento do transtorno, ou de correlação negativa, quando não há. As bases de pesquisa utilizadas foram o Google acadêmico, Portal Capes, Scielo e BVS. Foram selecionados 14 artigos a partir das palavras-chave “dismorfia muscular”; “vigorexia”; “transtorno dismórfico muscular”; “body Dysmorphic disorder”; insatisfação corporal”; “mídias sociais”; “redes sociais” e “social networking”.

Resultados mostraram que há poucas pesquisas correlacionando diretamente o uso de redes sociais e o desenvolvimento do transtorno estudado, no entanto, foi verificada uma correlação positiva de influência das redes sociais sobre a insatisfação corporal do sujeito, característica fundamental para o desenvolvimento e diagnóstico do transtorno. Com essas informações tem-se que é bastante relevante e necessário que se façam mais pesquisas sobre o tema, a fim de verificar mais profundamente a relação das mídias sociais com o desenvolvimento do transtorno.

**Palavras-chave:** Transtorno Dismórfico Muscular; Mídias sociais; Influência; Insatisfação corporal; Transtorno Dismórfico Corporal

<b>1. Introdução</b>	<b>4</b>
<b>2. Anorexia nervosa, bulimia nervosa e transtorno dismórfico muscular</b>	<b>13</b>
2.1. Anorexia nervosa	13
2.2. Bulimia Nervosa	14
2.3. Transtorno Dismórfico Muscular	15
<b>3. Transtorno Dismórfico Muscular</b>	<b>21</b>
<b>4. Objetivo Geral</b>	<b>27</b>
4.1. Objetivo específico	27
<b>5. Método</b>	<b>28</b>
5.1. Critério de seleção de artigo	28
5.2. Bases consultadas	28
5.3. Palavras-chave	29
5.4. Coleta de dados	29
5.5. Procedimentos de análise	29
5.5.1. Dados gerais do artigo	29
5.5.2. Método da pesquisa	30
5.5.3. Resultados da pesquisa	30
5.5.4. Exclusão de artigos	30
<b>6. Análise e Resultados</b>	<b>31</b>
6.1. Dados gerais dos artigos	31
6.1.1. Periódicos	31
6.1.2. Título dos artigos	<b>33</b>
6.1.3. Autores	34
6.1.4. Ano de Publicação	36
6.1.5. Países	37
6.2. Métodos de Pesquisa	38
6.2.1. Amostras	38
6.2.1.1. Número de participantes	38
6.2.1.2. Idade dos participantes	39
6.2.1.3. Gênero dos participantes	40
6.2.2. Resultados das pesquisas	42
6.2.2.1. Resultados de correlação positiva	45
6.2.2.2. Resultados de correlação negativa	48
<b>7. Discussão</b>	<b>50</b>
<b>8. Considerações Finais</b>	<b>56</b>
<b>9. Referências Bibliográficas</b>	<b>58</b>

## 1. Introdução

É característico da espécie humana o fato de que os membros de um grupo se comuniquem, seja de formas presenciais, ou remotas, mas sempre em redes de comunicação. As formas remotas de comunicação, principalmente, passaram por diversas modificações inovadoras, sempre visando uma comunicação mais rápida, como exemplo, pode-se citar o correio, seguido pelo telégrafo, linhas telefônicas, e, mais recentemente, a internet e as redes sociais online (Moraes et al. 2021 *apud* Fernandes, 2011).

Considerando, ainda, o cenário social em que a sociedade mundial está inserida, partindo do surgimento da internet, tais redes sociais foram ferramentas de alta relevância devido às suas facilidades na comunicação, intensificando seu uso pela população (Moraes et al. 2021 *apud* Fernandes, 2011). Ou seja, as próprias redes sociais marcam uma revolução dos meios de comunicação, uma vez que elas propiciaram uma mudança drástica nas formas de interação entre membros de um mesmo grupo ou comunidade, além de garantir o entrelaçamento das tecnologias, novas e antigas, gerando novas ferramentas de contribuição online (Costa, 2005).

Além disso, vale ressaltar que, durante o período da pandemia e da pós pandemia, compreendido a partir de 2020, foi notável que as redes sociais assumiram papéis importantes na vida cotidiana da população. Retratado pela pesquisa TIC domicílios (2022) ao identificar que cerca de 69% da população que tem acesso à internet, acessa redes sociais e compartilha algum tipo de conteúdo, tais como fotos, vídeos e textos. Ainda, 43% da mesma população publicou algum tipo de conteúdo autoral.

Assim, as mídias sociais online, ou, redes sociais, se configuraram como instrumentos eficazes na comunicação entre as pessoas, bem como desempenhou papel fundamental na manutenção do funcionamento do corpo social, especialmente no período de isolamento, uma vez que elas foram cruciais nos relacionamentos, cujas pessoas se adaptaram às novas tecnologias a fim de dar continuidade ao funcionamento da sociedade (Primo, 2020).

Primo (2020) ainda comenta quantitativamente sobre os aumentos encontrados em sua pesquisa ao citar “É preciso destacar que 71,3% da amostra relatou que seu uso de mídias sociais aumentou durante a pandemia, sendo que dessa significativa parcela 37,1% disse ter aumentado muito”.

Esses números destacam a importância crucial dessas plataformas como meio, não apenas de comunicação, mas também como fonte de entretenimento, apoio emocional e conexão social nesses tempos desafiadores.

Ademais, a popularização das redes sociais permite que usuários com interesses em comum se comuniquem, de forma que ocorra uma democratização do ambiente online, onde mesmo as comunidades e grupos menores, podem se expressar, desde que estejam dentro das normas da própria rede social, e ainda conseguem atingir uma grande quantidade de pessoas com essas publicações (Lourenço, Lima e Rodrigues, 2020).

Além disso, essas interações entre grupos e seguidores, ou até mesmo uma figura pública e seus seguidores, geram vínculos, que, por sua vez, exercem influência sobre esse mesmo público, e difundem as informações específicas que aquele influenciador ou grupo emite, configurando as redes sociais como meios eficientes de transmissão de informações e cultura (Diógenes, 2020).

Por outro lado, em paralelo à comunicação, outra questão característica da humanidade é a busca pela beleza. Principalmente na sociedade ocidental, tem-se registros que padrões de beleza são venerados e buscados desde a Grécia Antiga (Mendes, 2023).

Portanto, mesmo sem as tecnologias atuais, já eram encontrados padrões corporais e de comportamento que eram altamente valorizados e almejados pela população inserida naquela cultura, de forma que essa mentalidade era propagada organicamente pelos meios de comunicação disponíveis à época, assim como são propagados, embora de forma muito mais rápida, os padrões atuais.

Tais padrões se diferenciavam entre as comunidades, sendo influenciados diretamente pela cultura predominante naquele local e época, reforçando o que podia ser aceitável ou não (Mendes, 2023), entretanto, espontaneamente, os mesmos foram se modificando ao longo do tempo, novamente, de acordo com as mudanças culturais da sociedade, acompanhando as demandas e o desenvolvimento desta, incorporando novas características exigidas pela sociedade.

Uma dessas características é relacionada ao movimento de tornar as mídias cada vez mais imagéticas, que podem ser entendidas como todo tipo de mídia que utiliza imagens como meio de comunicação principal e são recebidas de forma diferente das demais mídias, principalmente quanto à interpretação de seu conteúdo, que pode se dar sob diferentes perspectivas. (Santos, Alves e Oliveira, 2019).

Cavalcante (2020) exemplifica essa preferência declarada por mídias imagéticas ao dizer que há uma ênfase clara centrada nas mídias que se utilizam da abordagem figuracional. O autor complementa dizendo que esses tipos de mídia funcionam como âncoras de interação, de forma que as imagens sejam responsáveis por gerar parte do engajamento em torno daquela notícia, informação ou post, uma vez que chamam a atenção de quem as vê.

Considerando tais informações, é importante ressaltar que, principalmente a partir do século XX, juntamente com o desenvolvimento das novas tecnologias, a busca por estar dentro dos padrões de beleza, impostos pela mídia, ganhou maior destaque, de forma que para acessá-los é necessário apenas alguns movimentos virtuais. Dessa maneira, a própria mídia, cuja influência sobre os padrões de beleza é inegável, cria uma espécie de industrialização e padronização da beleza (Mendes, 2023). De forma que a magreza, para o público feminino e a musculatura definida e hipertrofiada, para o público masculino sejam as principais características dessa padronização.

Portanto, a partir do que foi previamente mencionado, unindo a busca por estar dentro dos padrões corporais às mídias sociais, fica explícita a influência que o conteúdo publicado nesses meios de comunicação exercem sobre seus usuários, uma vez que elas desempenham uma função importante na disseminação de conteúdo, e conseqüentemente, também têm papel fundamental na criação do conceito de que o status do corpo no padrão considerado ideal é relacionado a qualidades como saúde, vitalidade e beleza.

Assim, a influência das redes sob seus usuários principalmente acerca do status previamente citado, reforça a necessidade de seguir os modelos de aparência, elegendo, muitas vezes, ídolos, conhecidos como influenciadores digitais, que simbolizam a possibilidade daquela condição humana ser viável, e motivam seus seguidores com base no compartilhamento de suas próprias experiências (Moreira, 2020).

Ademais, considerando as informações mencionadas, bem como, segundo Maslow (1943) conforme citado por Primo (2020), as necessidades humanas de interação social, autorrealização e autoestima, que podem ser garantidas, atualmente, pelas interações nas mídias sociais, resulta que as últimas tenham um espaço importante quando se fala da questão de ter efeito afetivo, ou seja, influência nas emoções e, conseqüentemente nas percepções e pensamentos da pessoa, tanto na vida pessoal, quanto profissional sobre seus usuários.

Quanto a definição de redes sociais, tem-se, resumidamente, que elas são formadas a partir da interação e relação entre as pessoas usuárias da plataforma, e, a partir desses relacionamentos, ocorre um fluxo social, garantindo uma posição em que as pessoas participantes possam se expressar, uma vez que além de redes de contato, essas plataformas permitem tanto o acesso quanto o compartilhamento e criação de informações (Souza e Moraes, 2021).

Além disso, muitas vezes essas interações são entre representações de quem as pessoas querem que os outros acreditem que são, uma vez que tal ambiente possibilita a criação de uma versão de si próprio, levando uma vida de aparências nas redes (Souza e Moraes, 2021).

Atualmente, no entanto, essas posturas perante as redes sociais se tornaram exacerbadas, na medida em que as pessoas passaram a organizar suas vidas e atividades cotidianas baseando-se no uso das mais diversas plataformas (D'Andrea, 2020). Além disso, nessas redes, deve-se considerar, também, que uma vez que algo é publicado na internet, mesmo que seja de forma anônima, ele pode ser identificado acerca de suas origens, de forma que a privacidade online, muitas vezes não seja tão real, como o autor explicita ao dizer:

No caso das plataformas online, cada ação - um comentário, por exemplo - é, potencialmente, armazenada junto com metadados como os identificadores (ou IDs) dos perfis envolvidos, o horário e a localidade em que a ação se deu, que softwares e hardwares mediaram aquela ação (D'Andrea, 2020, p.27.).

Falando especificamente da sociedade brasileira quanto aos padrões de beleza, desde 1992 a autora Naomi Wolf fala sobre “mito da beleza”, dizendo que é um sistema monetário que impõe às mulheres um dos padrões de beleza de acordo

com a cultura no qual o mesmo está inserido, instigando uma competição entre si de forma antinatural (Wolf, 1992 *apud* Mendes, 2023).

Mais atualmente, o mesmo mecanismo continua vigorando, de forma que o padrão de beleza amplamente difundido pelos meios de comunicação reflete um modelo de classe média alta e alta, caracterizado por padrões estéticos e corporais que ignoram a diversidade, tanto social quanto corporal. Sendo assim, o padrão de corpo ideal continua sendo um corpo magro para o público feminino e musculoso para o masculino (Anjos e Ferreira, 2021).

Havendo uma imposição às pessoas de uma responsabilidade de alcançar tais padrões, que estão fortemente relacionados a comportamentos corporais que são inacessíveis à realidade de muitas.

Portanto, mesmo considerando as mudanças nos padrões corporais ao longo dos últimos 40 anos, a valorização da magreza, seja musculosa ou não, tem se mantido. E então, a narrativa em torno desses padrões, antes propagada por jornalistas e editores de moda, mudou para uma perspectiva centrada no “eu”, baseada no bem-estar e no sucesso, encontrada tanto em revistas tradicionais quanto nos perfis de blogueiras fitness nas redes sociais (Pinto, 2019).

As características previamente mencionadas, ou seja, magreza feminina e musculatura definida masculina, destacam, nos meios de comunicação em massa, a exaltação da força de vontade e determinação para adotar comportamentos, estilos e padrões de vida, visando alcançar o padrão desejado, uma vez que os padrões venerados são irrealis e inatingíveis, por terem características que, novamente, não respeitam a diversidade (Marciano, 2021).

De forma que, segundo a mesma autora, fica evidente a discrepância entre os padrões de beleza e a forma como as mulheres participantes de seu estudo se auto percebem, sendo muito comum o desejo de emagrecer. Além disso, em paralelo com as redes sociais, tem-se que a adoção de dicas obtidas a partir das mesmas é muito comum na vida cotidiana do público que acompanha tais páginas e blogs desse nicho (Marciano, 2021).

Conforme evidenciado anteriormente, com o contínuo desenvolvimento da internet e suas tecnologias, mais usuários estão se envolvendo com as redes sociais, o que resulta em novos desafios sociais na era digital. No geral, essas buscas incansáveis pelo corpo ideal têm resultado em um aumento na busca por academias, procedimentos estéticos, tanto invasivos quanto não invasivos, que

variam desde tratamentos cosméticos até intervenções cirúrgicas (Anjos e Ferreira, 2021).

Um dos fatores influenciadores para tais comportamentos, também, incluem o uso de aplicativos que permitem aos usuários usar "filtros" para alterar a aparência livremente, destacado por Mendes (2023) se configurando como uma das medidas tomadas a fim de mudar as aparências naturais. De forma fácil e rápida, ressaltando a facilidade de levar uma vida de aparências nas redes, como previamente mencionada.

Ademais, ainda no âmbito corporal, além do aumento dos procedimentos estéticos, como cirurgias plásticas e tratamentos que prometem redução de medidas, houve, também, um aumento na incidência de transtornos relacionados à alimentação e imagem corporal. Wolf (1992), mesmo à sua época, encara a alta incidência, já registrada, desses transtornos como uma consequência do "mito da beleza" (Mendes, 2023 *apud* Wolf, 1992) demonstrando que, mesmo sem as influências digitais, já havia grandes cobranças e influência significativa sobre a busca de manter o próprio corpo dentro dos padrões desejados, que se perpetuam até atualmente.

Exemplos desses transtornos alimentares e de imagem são Anorexia Nervosa (AN), Bulimia nervosa (BN) e o Transtorno Dismórfico Muscular (dismorfia muscular), também conhecido como vigorexia, complexo de Adônis ou anorexia reversa.

A Anorexia Nervosa é caracterizada, pelo CID-11 (2018), sob o código 6B80 por uma pessoa com peso corporal baixo, de forma significativa, considerando a altura, idade e desenvolvimento do indivíduo, desde que essa condição não se justifica por outra condição de saúde ou indisponibilidade de alimentos. A fim de identificar o baixo peso, é utilizado um limite de índice de massa corporal (IMC), sendo que se o cálculo for inferior a 18,5kg/m<sup>2</sup> em adultos e o IMC referente a altura e idade de crianças.

Além disso, nesse quadro clínico, o baixo peso corporal é seguido de um padrão de comportamentos resistentes para evitar a restauração do peso normal. Esses comportamentos podem ser relacionados a redução de ingestão de energia, comportamentos purgativos e comportamentos de aumento de gasto de energia, associados a um medo de ganhar peso. Ademais, o baixo peso é percebido distorcidamente pelo sujeito como normal ou excessivo (CID-11, 2018).

A bulimia, por sua vez, é caracterizado pelo CID-11 (2018), sob o código 6B81, por episódios recorrentes e frequentes de compulsão alimentar, configurado pela perda subjetiva sobre a ingestão de alimentos, se sentindo incapaz de parar de comer ou se limitar a um tipo ou quantidade de alimento ingerido num determinado período de tempo. De forma geral, o episódio é acompanhado por comportamentos compensatórios inadequados com a intenção de prevenir o ganho de peso. Este padrão gera sofrimento ou prejuízo significativo no funcionamento pessoal, familiar, social, ocupacional, educacional.

Por último, tem-se o transtorno dismórfico muscular, ou, vigorexia, que, por sua vez, entra na categoria de transtornos obsessivos compulsivos (TOC). Ainda pelo CID-11, o transtorno dismórfico muscular tem como sua principal característica, uma crença de que o próprio corpo é muito pequeno ou não musculoso o suficiente, de forma que essa preocupação ocupe pelo menos, uma parte do seu dia. Em contrapartida, ao contrário da anorexia nervosa e da bulimia nervosa, tal transtorno acomete principalmente a população masculina (Bandeira & Imanishi, 2023).

Partindo dessas características básicas citadas, no entanto, ainda são necessários outros comportamentos para que esses transtornos sejam diagnosticados. Para a Anorexia Nervosa, é necessários, além da ingestão restritiva de calorias, deve-se estar presente um sentimento de medo intenso de ganhar peso, de se tornar gordo, ou apresentar comportamentos que interfiram no ganho de peso, mesmo enquanto a pessoa apresente peso inferior ao saudável, de acordo com a sua realidade corporal. Podendo ser dividida em dois subtipos, a restritiva e a purgativa, de forma que no primeiro o emagrecimento ocorre devido a dietas e jejuns, enquanto no outro há alguma forma purgativa após a ingestão de alimentos (Chimbinha *et al.* 2019).

Para o diagnóstico de bulimia, além dos episódios de descontrole alimentar, deve ser presente uma influência indevida do peso e forma corporais na autoavaliação de imagem, além de comportamentos compensatórios frequentes, como uso abusivo de laxantes, diuréticos ou outras medicações com o intuito de reduzir medidas corporais, jejum, excesso de exercícios físicos, vômitos auto-induzidos. Não necessariamente há identificação de perda de peso nesse caso, diferenciando-se da anorexia nervosa. (Chimbinha *et al.* 2019).

Já o Transtorno Dismórfico Muscular, por se enquadrar no grupo dos transtornos obsessivos compulsivos, tem o processo de diagnóstico dificultado, uma vez que é necessário mensurar a auto percepção da pessoa, que pode variar em vários níveis, e também identificar condições que acarrete dietas restritas e com pouca variedade, desde que em grande quantidade, além de uma necessidade excessiva de exercícios físicos, podendo, inclusive, causar danos ao próprio corpo. Há, ainda, muitos casos em que a pessoa acometida pelo transtorno passa a usar medicamentos e substâncias que prometem um aumento da massa muscular (Bandeira & Imanishi, 2023).

Constatado, portanto, que as redes sociais têm importante influência na vida pessoal e cotidiana de seus usuários, e, considerando que cerca de 80% da população brasileira têm acesso à internet, segundo a pesquisa TIC domicílios (2022) previamente citada, conseqüentemente, as mesmas redes sociais influenciam no cenário geral brasileiro, tanto no âmbito individual psicológico, quanto nas instituições, como economia e saúde, uma vez que as medidas tomadas pelas pessoas a fim de alcançar os padrões corporais tem relação direta com ambas áreas.

Inclusive, tal influência recai sobre a incidência dos transtornos mencionados, que, apesar de serem passíveis de atingir quaisquer pessoas, a maioria das pessoas que os têm diagnosticado, seja anorexia nervosa, bulimia nervosa ou transtorno dismórfico muscular, fazem parte da população jovem, que acessa redes sociais, com destaque para o gênero feminino nos primeiros dois transtornos, e para o gênero masculino no terceiro. E, a anorexia se destaca entre as idades 12 e 17 anos, enquanto a bulimia predomina no início da idade adulta (Mendes, 2023) e o transtorno dismórfico muscular, na faixa etária de 18 a 35 anos (Bandeira & Imanishi, 2023).

Portanto, é necessário mencionar que, embora seja visto com menos frequência, o tema de imagem corporal e insatisfação corporal do público masculino é presente na sociedade, mesmo que com particularidades que o distinguem do feminino. E tal imagem de si próprio, a imagem corporal, sofre diversas influências da socioculturais, tanto no público feminino quanto no masculino (Rocha e Caurin, 2023).

Por conta desses motivos, é vantajoso que se realizem novos estudos que tenham como objetivo o entendimento desses transtornos, bem como das possíveis

variáveis que possam estar relacionadas ao desenvolvimento dos mesmos, além de considerar o recorte da população em que são relatados estes problemas com maior frequência.

Dessa maneira, este trabalho visa analisar o material produzido até então, a fim de explicitar as possíveis relações entre as redes sociais online e o desenvolvimento do transtorno dismórfico muscular, especificamente, de acordo com as populações mais suscetíveis a desenvolverem tal transtorno. Ademais, a partir da melhor compreensão do tema, é importante estudar quais as melhores formas de abordagem para o tratamento do mesmo, a fim de melhorar a efetividade do tratamento.

Além disso, deve-se ter em vista que, apesar da sociedade global passar por mudanças constantes nos padrões venerados, a pressão social, sobretudo sobre a população jovem, com destaque para a população feminina e, também, LGBTQIAPM+, uma vez que para essas populações, o apoio social é um componente essencial do funcionamento psicológico crítico, exerce importante influência na imagem corporal e no sentimento de dever seguir padrões (Coutinho *et al*, 2021 *apud* Cooper *et al* 2020). É crucial, ainda, tomar atenção às questões relacionadas à facilidade de comunicação e às diversas formas como essa pressão social pode atingir seus objetivos devido ao avanço da internet no meio da comunicação.

Portanto, é importante retomar que a pressão social e histórico cultural às quais essas populações estão expostas não se restringem aos meios de comunicação online, podendo chegar até as pessoas de diferentes formas e ter diferentes efeitos, já que a forma como cada um lida com a pressão social é subjetiva.

Assim, este trabalho tem como objetivo fazer uma revisão sistemática da literatura acerca do tema retratado a fim de verificar uma possível relação entre as redes sociais e o desenvolvimento do Transtorno Dismórfico Muscular, visando auxiliar o processo de identificação, bem como na abordagem de tratamento desses pacientes, uma vez que pode ser encontrada certa resistência na busca por auxílio, além da dificuldade estrutural no tratamento de tal transtorno.

## **2. Anorexia nervosa, bulimia nervosa e transtorno dismórfico muscular**

### **2.1. Anorexia nervosa**

O termo "anorexia" vem do grego, com o prefixo "an" significando "deficiência" ou "ausência de" e o sufixo "orexis" representando "apetite", etimologicamente relacionado à falta de apetite. Na medicina, Morton foi o primeiro a relatar a anorexia nervosa em 1689, destacando o papel das emoções no transtorno e a apatia das pacientes em relação à preservação do corpo e da mente (Cordás, 2002).

Referências sobre essas condições remontam a textos do século XVI e até mesmo a estudos de Hipócrates, o pai da medicina, que descreveu corpos impuros com aversão a qualquer tipo de alimento (Fernández, 2015).

Entretanto, o uso do termo, mais específico, anorexia nervosa, só passou a ser utilizado a partir de 1873, com o médico William Gull, e com o psiquiatra Laègue, referindo-se a uma doença que afetava principalmente as mulheres jovens e tinha como uma das principais características um emagrecimento significativo, e que a falta de apetite se devia a um estado mental mórbido e não a disfunções gástricas. Sendo que somente a partir desta segunda metade do século XIX, a anorexia nervosa passou a ser encarada como uma patologia independente (Cordás, 2002).

Portanto, a anorexia é um transtorno que marca presença na história da sociedade desde há muito tempo, podendo ser encarado como um transtorno mais voltado ao pessoal de cada paciente, sendo que, apesar de fatores como pressão social ter certa influência sobre a motivação para o desenvolvimento do transtorno, a anorexia pode assegurar certo controle e auto domínio de sobre si próprio, como num ato de protesto que se manifesta no próprio corpo, travando uma luta de autonomia e resistência a qualquer tipo de controle externo que o ambiente em que a pessoa está inserida proporciona, assim, segundo Lopes:

“A anorexia confere, pois, um poder e assegura o triunfo daquela que recusa alimentar-se sobre toda a gente que a rodeia. Num esforço de controle e autodomínio, que seria, simultaneamente, um desafio e uma forma de ascese, mas também rivalidade com os outros, luta pelo poder. Assim

acabam por se sacrificarem no altar da magreza.” (Lopes, 2014, p.25).

Ainda, a fim de justificar que a anorexia nervosa consiste num transtorno focado, principalmente, na pessoa que sofre do mesmo, numa guerra de poder entre ela e aquelas que a rodeiam, pode-se inferir que as pacientes encontram-se numa posição de esforçar-se de quaisquer formas possíveis de garantir poder e triunfo sobre o próprio autocontrole e domínio, muitas vezes recorrendo à área da alimentação para exercer tal domínio sobre si. (Lopes, 2014).

Considerando o cenário atual com diversas pressões sociais, incluindo as provindas das redes sociais, que enfatizam padrões corporais e estéticos a serem alcançados, a todo custo, a anorexia nervosa se destaca, afetando, predominantemente, a população feminina, cerca de 92% da população diagnosticada, embora os outros gêneros, etnias e sexualidades não sejam excluídos da possibilidade de apresentar o diagnóstico. O transtorno, comumente inicia-se na faixa etária entre 15 e 25 anos, porém com a tendência de começar mais cedo, sendo que a partir dos 11 anos, há um aumento significativo na própria incidência da doença (Sgarbi *et al*, 2023). De forma que os pacientes que apresentem o quadro anoréxico tenham a tendência de serem mais novos quando comparados a pacientes de outros transtornos (Stefani, 2023).

## **2.2. Bulimia Nervosa**

A bulimia nervosa, uma condição distinta da anorexia, foi reconhecida mais recentemente na história da medicina. Em 1979, Russel foi pioneiro ao descrever essa condição, sugerindo que ela poderia ser uma evolução peculiar da anorexia nervosa. Ele detalhou os sintomas dos pacientes, que incluem impulsos incontroláveis para comer excessivamente, seguidos de comportamentos purgativos e um medo intenso de ganhar peso. Além disso, o termo "bulimia" tem raízes no grego, com "bous" (significando "boi") e "limos" (que representa "fome"), refletindo etimologicamente um apetite desmesurado e os episódios frequentes de descontrole alimentar associados à condição (Cordás, 2002).

A bulimia nervosa é caracterizada pela ingestão compulsiva de grandes quantidades de alimentos, seguida por comportamentos purgativos para evitar o

ganho de peso, como vômito autoinduzido e uso de laxantes. Esses comportamentos estão associados a um medo intenso de ganhar peso. Um dos comportamentos purgativos mais frequentes é o vômito auto-induzido, estando presente em até 95% dos casos, sob justificativa de que há uma melhora instantânea no sentimento de ansiedade gerado pelo episódio de descontrole (Cordás, 2002).

Já mais atualmente, falando sobre o aspecto cultural, segundo Lopes (2014), a bulimia nervosa é uma síndrome que pode ser relacionada à cultura, uma vez que aparece com uma incidência muito maior em cidades, ao contrário da anorexia. Exemplificando isso, a autora retorna ao fato de o primeiro relato de anorexia nervosa data de 1689, denunciando as características específicas do transtorno, enquanto o primeiro relato de bulimia nervosa data de 1979, reforçando a hipótese de que tal síndrome tenha correlação com a cultura da sociedade, uma vez que a cultura vigente nessa época foi marcada, principalmente, pelo início das mídias de comunicação, disseminando em larga escala os padrões de beleza, cuja principal característica era a magreza (Lopes, 2014).

Para a mesma autora: “A bulímica come por si própria, mas vomita para os outros, para todas as mulheres que vigiam a silhueta uma das outras. A sua liberdade radical torna-a escrava da opinião das outras.” (Lopes, 2014).

Conseqüentemente, esse cunho social do transtorno evidencia-se mais ainda ao considerar que o mesmo é 4 vezes mais comum do que a anorexia nervosa, acometendo, principalmente a população jovem feminina, porém não excluindo outras populações do diagnóstico.

Entretanto, além disso, distanciando-se do diagnóstico de anorexia, no quadro bulímico, não necessariamente existe uma perda de peso significativa, de forma que a pessoa apresente peso normal ou, até mesmo, acima do recomendado, dificultando o diagnóstico na medida em que se torna difícil perceber os comportamentos alimentares comprometidos (Nitsch, *et al*, 2021). Vale ressaltar que esses fatos mencionados ocorrem na sociedade mesmo que a bulimia apresente uma maior taxa de mortalidade (Castro, 2018).

### **2.3. Transtorno Dismórfico Muscular**

Falando sobre o transtorno dismórfico muscular, ou vigorexia, por sua vez, tem-se que a palavra é derivada a partir do prefixo “*vigor*”, do latim, que se refere a força e energia, juntamente do sufixo grego “*exia*”, cujo significado se refere a um estado em que a pessoa se encontra. Esse termo é usado, atualmente, para se referir ao transtorno de dismorfia corporal, definido, pelo DSM-5 como um transtorno relacionado à aparência física, que se caracteriza principalmente por uma busca excessiva por um corpo musculoso e forte, além da preocupação intensa sobre alguma imperfeição não observável ou que pareçam leves a terceiros (DSM-5, 2014).

Os principais sintomas do transtorno dismórfico muscular são acerca de uma preocupação exagerada com a aparência corporal, muitas vezes evidenciando grande insatisfação com certas regiões do corpo, tais como abdômen, tórax e, ou, com o peso corporal e tônus muscular. É marcada, portanto, por uma auto percepção distorcida do corpo, tendo como consequências, uma busca incessante do aumento muscular, bem como uso de remédios, suplementos, anabolizantes, prática excessiva de exercícios físicos e dietas específicas para ganho de massa muscular (Feitosa Filho, 2014).

Semelhante aos outros transtornos previamente descritos, o transtorno dismórfico muscular tem relatos que datam de muito tempo, porém de forma disfarçada e não encarnada como qualquer tipo de transtorno, como na Grécia Antiga, onde a preocupação com a beleza já se fazia bastante presente, verificada por meio dos costumes, mas também em outros lugares ao redor do mundo, uma vez que todas as sociedades deixaram algum legado referente à beleza (Silveira, 2022). Dessa maneira, a primeira descrição do quadro como transtorno foi feita pelo médico psiquiatra Harrison Pope, apenas em 1993, a partir de praticantes de musculação (Feitosa Filho, 2014).

Nessas descrições do médico, foi percebido que alguns pacientes, mesmo apresentando corpos musculosos, eles próprios se enxergavam como fracos e pequenos, indicando uma distorção na imagem corporal, assim como presentes nos transtornos da anorexia nervosa e da bulimia nervosa, ressaltando, ainda, que os pacientes raramente buscam por ajuda profissional ( Feitosa Filho, 2014).

No entanto, distanciando-se dos outros transtornos, o transtorno dismórfico muscular afeta principalmente a população masculina, e, ainda mais aqueles que pertencem ao recorte da população LGBTQIAPM+ masculina (Baião, 2023).

O desenvolvimento do transtorno tem crescido em incidência nas últimas décadas, marcado por um aumento significativo entre homens com idade entre 19 e 36 anos (Koehler, 2020), todos em busca do ideal de corpo que é venerado pela sociedade, mesmo sendo um ideal que demande tempo para alcançar, sendo que, na sociedade moderna, o ideal de corpo masculino é marcado por uma musculatura definida e grande, enquanto para o público feminino, tem-se a magreza, como já previamente mencionado (Koehler, 2020).

Uma das características em comum entre os três transtornos é a idade de desenvolvimento do mesmo, que ocorre mais comumente na fase da adolescência, sendo que a anorexia tem maior frequência no início da fase, a bulimia numa fase intermediária e a vigorexia no final. Esse fenômeno se dá, principalmente, pela representação da adolescência no processo de desenvolvimento, que é quando se dá a construção da identidade, de forma que a pessoa passe por um processo dinâmico que envolve mudanças físicas e psicológicas.

Entre elas, inserção em novos grupos sociais e desenvolvimento da própria personalidade, junto a isso, há o fato de que a busca pela beleza corporal é historicamente influenciada por padrões culturais, e, na contemporaneidade, promovida pela mídia e internet, que é, também, o meio principal de exposição e destaque pessoal de cada um (Mendes, 2023).

No entanto, a partir do século XX, a sociedade é continuamente marcada por uma industrialização da beleza, contando com uma forte influência das mídias sociais, que conseqüentemente, como exposto anteriormente, influenciam nos padrões de beleza buscados pelas pessoas na fase de adolescência, que por meio de revistas, filmes e séries, cria uma padronização de rostos e corpos, levando grupos de pessoas a se vestirem conforme os modelos, por exemplo (Mendes, 2023). A influência é tão direta, portanto, pois os padrões amplamente divulgados pela mídia se tornam parte da cultura na qual a pessoa está inserida, que por sua vez, exerce grande influência individual sobre aqueles que a vivem.

Retornando à teoria do mito da beleza de Naomi Wolf (1992), considerando que as imagens de corpos ideais impostos pela mídia causam influência nas consumidoras deste conteúdo, a autora prevê que uma das conseqüências do evento é um crescimento importante na frequência de casos de transtornos alimentares, bem como de procedimentos estéticos, ressaltando que essa é uma das áreas de maior especialidade na medicina (Mendes, 2023)

Ademais, as mais variadas formas de mídia do ocidente expõem uma imagem que implica a magreza como um sinônimo de sucesso, competência e ser atraente, contrapondo-se à imagem de obesidade, que carrega significados tais como dificuldades de performance e insatisfação sexual. Valorizando, principalmente, características físicas em vez das psicológicas e cognitivas (Koehler, 2020). Demonstrando uma importância exacerbada dada ao corpo e à aparência.

A partir da união entre os padrões corporais e de rosto almejamos na atualidade, da alta disseminação desses mesmos padrões na mídia, e, considerando que esses padrões não condizem com a realidade, bem como uma exposição dos usuários de mídia frequentemente à imagens desses padrões, há, conseqüentemente, quadros de baixa autoestima e um forte índice de insatisfação corporal nos usuários, que podem desencadear os transtornos alimentares dos quais se falou até então de forma que em todos eles, a insatisfação corporal é uma característica importante que se faz presente (Silva, 2020).

Ademais, o contato prolongado com tal conteúdo associa-se fortemente à mudanças de comportamento alimentar, nem sempre demonstrando um quadro de transtorno alimentar propriamente dito, mas, inicialmente demonstrava-se uma preocupação com a saúde, apoiando hábitos saudáveis como ter certo cuidado com a alimentação. Posteriormente, no entanto, essa abordagem positiva foi perdendo espaço para o incentivo da adoção de dietas restritivas e dietéticas em busca do corpo ideal, prevalecendo, popularmente, os comportamentos alimentares disfuncionais (Moraes, 2021 *apud* Turner & Lefevre, 2017).

Santos destaca isso ao dizer “O posicionamento científico, ao ser traduzido pelo mercado de consumo, apresenta esse receituário em poucas palavras: comer pouco, *malhar* muito” ( Santos *et al*, 2019).

Portanto, há uma relação comparativa entre as mídias sociais e o nível de insatisfação corporal identificado, uma vez que ocorre uma comparação social acerca da avaliação da aparência, ou seja, os indivíduos, de maneira geral, comparam a própria aparência com a das outras pessoas, ainda mais facilitado pelas redes sociais, podendo acarretar níveis ainda maiores de insatisfação corporal, a partir do momento em que se identifica que as comparações são feitas frequentemente com os padrões irreais (Silva, 2020).

Exemplificando a insatisfação corporal nos diferentes gêneros, por sua vez, tem-se que no sexo feminino, a insatisfação corporal ocorre, majoritariamente, por

conta de excesso de peso, enquanto que para o sexo masculino, a prevalência de insatisfação corporal ocorre por conta de déficit de peso e músculos, onde foi expressa a vontade de aumentar seu tamanho corporal. (Da Costa, 2022). Justificando os transtornos de bulimia e anorexia serem mais presentes na população feminina, já que focam no emagrecimento e redução de medidas, enquanto a vigorexia ser mais presente na população masculina, visando o crescimento de músculos e aumento de força.

Devido à persistência de pensamentos recorrentes e o contato frequente com os ideais, as pessoas com algum tipo de transtorno tendem a apresentar ainda mais insatisfação corporal, bem como insegurança quanto ao corpo (Koehler, 2020). E qualquer tipo de insatisfação se reflete na auto imagem do indivíduo, levando-os a uma perda de autoconfiança, e conseqüentemente, como uma resposta, essas pessoas começam a adotar formas de esquiva e fuga, evitando situações de exposição pública devido à vergonha. (Koehler, 2020 *apud* Bucarechi, 2003; Alonso, 2006; Veggi *et al*, 2004).

Além disso, Moraes (2021) identifica a ideia de que as mídias sociais têm papel fundamental na precipitação e perpetuação de quadros psicopatológicos se referindo aos transtornos alimentares, responsabilizando, em partes, a culpabilização intensa relacionada ao consumo alimentar, bem como ao desenvolvimento de mecanismos obsessivos de controle para alcançar padrões de vida idealizados nas redes sociais. A disponibilidade constante das mídias sociais em dispositivos móveis cria a ilusão de que tudo está sempre ao alcance, a qualquer momento e lugar, intensificando essa pressão (Moraes, 2021). Perpetuando todo o quadro exposto até então.

Em suma, os transtornos alimentares e de dismorfia corporal são condições psiquiátricas sérias, afetando, principalmente o público jovem, no período de desenvolvimento compreendido entre a adolescência e o início da vida adulta, com maior incidência em pessoas do sexo feminino, mas não exclui a possibilidade de diagnóstico para o público masculino e LGBTQIAPM+. Essas condições, ainda, podem acarretar conseqüências biológicas e psicológicas associadas à elevada mortalidade (Castro, 2018).

E, conforme dito, a manifestação dos transtornos está intrinsecamente ligada à forma como o indivíduo percebe seu corpo e organiza sua autoimagem corporal, e portanto, é um processo demorado até o reconhecimento da doença, tanto pela

demora de percepção dos comportamentos pela rede de apoio, quanto pela dificuldade de reconhecer em si próprio, os sintomas. Dessa maneira, um dos principais desafios enfrentados pela equipe de saúde que cuida do tratamento de pessoas com tais diagnósticos consiste em reconhecer a importância dos relatos tanto de familiares quanto da própria pessoa que precisa do tratamento.

### 3. Transtorno Dismórfico Muscular

Embora o termo “vigorexia” venha ganhando popularidade, o mesmo não é oficialmente reconhecido nos manuais CID-11 (Classificação Internacional de Doenças) (2018) e DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) (2014), portanto, é um termo leigo, uma vez que, oficialmente, a mesma condição de transtorno é denominada por “ Transtorno Dismórfico Corporal”, ou, mais especificamente “Transtorno dismórfico muscular”.

Em ambos os materiais, tal transtorno é pertencente ao grupo dos transtornos obsessivos compulsivos (TOC), caracterizado, principalmente, por uma preocupação excessiva em relação a um ou mais defeitos ou falhas na aparência física, em geral, imperceptíveis ou problemas considerados leves por terceiros. Além disso, há a presença de outra característica que são os comportamentos repetitivos, como, por exemplo, arrumar-se ou olhar-se no espelho excessivamente, e também atos mentais, como uma comparação constante da própria aparência de outras pessoas.

É importante destacar, ainda, segundo o CID-11 (2018), que as preocupações encaradas pelos indivíduos que apresentam esse quadro, bem como os comportamentos repetitivos podem levar a comportamentos de evitação de situações sociais que possivelmente sejam gatilhos que aumentem o sofrimento relacionado.

A partir disso, o transtorno pode se especificar em transtorno com *insight* de bom a razoável, ou de *insight* pobre ou ausente. Este termo é indicado a fim de avaliar o grau de reconhecimento entre as crenças do transtorno e a realidade.

Portanto, o indivíduo com *insight* bom ou razoável reconhece que as crenças geradas pelo transtorno são provável ou definitivamente não verdadeiras, ou, pelo menos, que podem ou não ser verdadeiras. Já indivíduos diagnosticados com *insight* pobre são indivíduos que reconhecem parcialmente que essas crenças podem ou não ser verdadeiras; e aqueles com *insight* ausente são aqueles que estão completamente convencidos de que as crenças geradas pelo transtorno são verdadeiras.

Conforme já apresentado, as definições são as mesmas, no entanto, a codificação do transtorno é diferente, sendo que na CID-11 (2018) o código do transtorno geral é 6B21, e pode ser especificado como 6B21.0, significando o Transtorno Dismórfico Corporal com *insight* bom a razoável; 6B21.1 representando o Transtorno Dismórfico Corporal com *insight* pobre a ausente; e 6B21.Z como o Transtorno Dismórfico Corporal não especificado.

No manual do DSM-5 (2014), o transtorno é identificado pelo código F45.22, sendo este atribuído a todos os casos da doença, não sofrendo mutações conforme as especificações sobre o *insight*. Além disso, diferenciando-se do CID-11 (2018), no DSM-5 deve-se ter uma especificação além, que consiste na identificação se o sujeito apresenta dismorfia muscular, quando o indivíduo se encontra preocupado com a ideia de que o próprio corpo seja pequeno ou insuficientemente musculoso. Essa especificação deve ser indicada mesmo que o indivíduo apresente preocupação com outras áreas do corpo.

Vale ressaltar que o Transtorno Dismórfico Corporal é pertencente a uma subdivisão do Transtorno Obsessivo Compulsivo, assim como o Transtorno Dismórfico Muscular (dismorfia muscular) é pertencente a uma subdivisão específica do próprio Transtorno Dismórfico Corporal (TDC). Portanto, pode-se entender o TDC como uma especificação do TOC e o dismorfia muscular como uma especificação do TDC. De forma que o indivíduo que seja diagnosticado com dismorfia muscular apresente as características do TDC, mas, mais especificamente tenha crenças específicas de que sua estrutura corporal seja pequena e insuficientemente musculosa.

De forma geral, a preocupação com a aparência vai além das preocupações rotineiras com peso e gordura, extrapolando as características dos transtornos alimentares, somado isso aos comportamentos repetitivos identificados nos casos, a classificação como especificidade dentro do grupo de TOC é coerente, muito embora, como visto anteriormente, grande parte dos comportamentos repetitivos nos casos deste quadro específico são relacionados a questões alimentares, tais como seguir dietas rigorosamente.

Além disso, outros autores expõem suas ideias de diagnóstico do quadro sempre muito semelhantes às oficiais, sejam tratando com o termo “vigorexia” ou “Transtorno dismórfico muscular”. Tais definições sempre se aproximam do tema de distorção da imagem corporal, presença de comportamentos repetitivos, frisando,

principalmente a prática exacerbada de exercícios físicos tais como Melin e Araújo (2002); Feitosa Filho (2014); Bandeira e Imanishi (2023) destacam em seus trabalhos.

Demonstrando, também, que embora seja um transtorno reconhecido pela medicina relativamente recente, as definições não se diferenciam tanto entre os pesquisadores. Sendo o ponto principal de diferenciação, classificar o transtorno dentro do grupo do TOC, ou no grupo de transtornos alimentares, uma vez que o quadro apresenta sintomas bastante referentes à alimentação e insatisfação com a imagem corporal, característicos dos transtornos alimentares, e também apresenta o desenvolvimento de padrões de comportamentos repetitivos, característico do grupo TOC. Ressalta-se que, seguindo os manuais oficiais de diagnóstico (CID-11, 2018; DSM-5, 2014) o quadro deve ser encarado como parte do grupo TOC.

Entrando na questão de diagnóstico do quadro, tem-se um processo diferenciado, pois, além de ter especificado claramente qual o nível de *insight* que o indivíduo apresenta, característica essencialmente subjetiva, é necessário, seguindo o manual CID-11 (2018), primeiramente, excluir a possibilidade do quadro ser compatível com outros diagnósticos, tais como: anorexia nervosa, cujo código é (6B80), transtorno de sofrimento corporal (6C20), preocupação com a aparência corporal (QD30- QD3Z), reação aguda ao estresse (QE84), e, luto sem complicações (QE62), para então afirmar a hipótese do TDC, e, avaliando as características mais fortes apresentadas, identificar se o quadro deve ser encarado sob a perspectiva específica do transtorno dismórfico muscular (CID-11, 2018).

Além disso, como na maioria dos transtornos, os sintomas devem se apresentar graves o suficiente para gerar sofrimento significativo ou prejuízo no funcionamento pessoal, familiar, social, educacional, ocupacional, entre outras áreas da vida do indivíduo.

O Transtorno Dismórfico Muscular, como visto, passa por um longo caminho de diagnóstico, sendo várias etapas de exclusão de outros transtornos e avaliação no nível de *insight* que a pessoa possui, todavia, não há, ainda, formas padronizadas para o tratamento do transtorno. Algumas técnicas foram desenvolvidas, podendo auxiliar o indivíduo, como, por exemplo: identificar os padrões distorcidos de percepção da imagem corporal e aspectos positivos da mesma como parte do processo de tratamento psicológico, a fim de encorajar atitudes mais saudáveis (Freitas *et al*, 2019).

Apesar do transtorno ser algo independente, ou seja, pode-se desenvolvê-lo sem outros transtornos consequentes, alguns autores afirmam que os indivíduos acometidos pelo distúrbio muscular são, também, acometidos por algumas comorbidades diferentes, por exemplo: depressão, ansiedade, isolamento social, mudanças metabólicas (Alonso, 2006 *apud* Freitas *et al*, 2019) entre outros comprometimentos como falta de apetite, insônia, dificuldade de concentração, desproporção displásica, problemas ósseos e articulares (Assunção, 2002 *apud* Freitas *et al*, 2019).

Em suma, o distúrbio muscular é um transtorno principalmente referenciado à alta insatisfação com a própria imagem corporal, desencadeando uma série de comportamentos que visam modificar o corpo a fim de alcançar um ideal.

O desenvolvimento da imagem corporal, por sua vez, começa na infância, se expressando com maior evidência na adolescência e segue variando a intensidade ao longo de toda a vida. No entanto, identificou-se uma crescente no número de pessoas que estão insatisfeitas com suas aparências e corpos, inclusive no Brasil (Lima, Silva e Carvalho, 2023).

Além disso, como previamente mencionado, os padrões corporais venerados pela sociedade mudam de tempo em tempo. Portanto, novos modelos são apresentados e mobilizam pessoas a seguirem tais padrões estéticos, elegendo-os como objetivos, incluindo características corporais mais simples de serem conquistadas, tais como cortes específicos de cabelo, quanto em níveis mais invasivos, como adquirir certa quantidade de musculatura no próprio corpo de forma não natural, ou até mesmo alterar a simetria facial. Consequentemente, devido à “ditadura estética padronizada e normatizada que coloniza, rejeita, marginaliza, oprime e silencia corpos ditados como “feios””, a insatisfação corporal vem se fazendo cada vez mais presente (Cunha e Mattos, 2022).

Outro fator agravante, segundo os mesmos autores, é a pressão social que existe acerca do tema estético que fica em constante evidência nos ambientes virtuais promovidos pelas redes sociais, uma vez que, cada vez mais, os *posts* com o conteúdo voltado ao estético e aparência física são compartilhados com maior frequência. Exemplos dessas redes sociais que influenciam diretamente nos usuários a partir do estético corporal são os aplicativos de relacionamento, como o *Tinder*, pois estes reforçam a ideia do corpo como um objeto a ser consumido, uma

vez que a seleção entre os usuários ocorre a partir de fotos expostas nos perfis, como um cardápio para que escolham apenas o que os agradem.

A partir disso, considerando todas essas mudanças, incluindo a adaptação de tecnologias para *posts* e compartilhamento de fotos instantâneas nas redes sociais, como o *Instagram*, Cunha e Mattos (2022) relataram um aumento nos *posts* relacionados ao Transtorno Dismórfico Muscular, ou, Vigorexia, em sua maioria, contendo imagens de corpos masculinos e musculosos.

Dessa maneira, partindo das definições do transtorno, bem como dos critérios diagnósticos, é possível identificar uma relação entre imagem corporal, uso de redes sociais, insatisfação com a imagem corporal e transtorno dismórfico muscular, uma vez que o uso de redes sociais têm potencial influenciador na imagem e insatisfação corporais, a partir da auto-comparação (comportamento bastante presente no dismorfia muscular), conseqüentemente deixando o indivíduo suscetível a desenvolver o quadro a um nível patológico.

Quanto à prevalência do transtorno na população, observa-se que o dismorfia muscular emerge como uma preocupação significativa na sociedade contemporânea, especialmente entre jovens e adultos do sexo masculino, acarretando um impacto substancial e multifacetado na saúde física, mental, social e emocional. Este fenômeno é evidenciado pela crescente incidência de busca por intervenções estéticas entre a população masculina, denotando uma mudança e aumento na valorização dos ideais de beleza masculina (Ramon, Lopes e Regis; 2023).

Portanto, embora seja convencionalmente enfatizado que a vulnerabilidade aos distúrbios alimentares relacionados à imagem seja mais pronunciada entre as mulheres, devido à intensa exploração do corpo feminino pela mídia, é imperativo reconhecer que a preocupação com a aparência corporal também se tornou uma questão importante para os homens. Eles também são suscetíveis à idealização dos padrões corporais delineados pelo contexto social e influenciados por mídias. Essa idealização pode desencadear práticas prejudiciais como dietas extremistas e o uso de anabolizante, contribuindo para o diagnóstico de dismorfia muscular. Dessa forma, enquanto há uma maior prevalência de transtornos alimentares na população feminina, obteve-se como resultado uma maior prevalência de dismorfia muscular entre a população masculina (Ramon, Lopes e Regis; 2023).

Portanto, constata-se que um paciente dismórfico é uma pessoa que busca constantemente uma mutação a fim de sanar uma insatisfação, gerando uma cadeia de comportamentos repetitivos da qual será difícil se libertar posteriormente (Kataoka *et al*, 2023).

Por fim, para diferenciar o paciente dismórfico dentro de uma sociedade onde hábitos saudáveis podem encobrir comportamentos e pensamentos irracionais, uma sociedade onde condutas obsessivas, percepções equivocadas e valores hostilizados são consequências do padrão corporal estético imposto, deve-se verificar o nível de intensidade pela qual os preceitos da mesma, quanto ao corpo, mobilizam, psicologicamente, este indivíduo, uma vez que em certa medida, toda a população tem contato com tal influência e pressão social (Freitas *et al*, 2019).

#### **4. Objetivo Geral**

O objetivo deste trabalho é realizar uma revisão sistemática a fim de verificar uma possível relação entre o diagnóstico de Transtorno Dismórfico Muscular e o consumo de mídias sociais, a partir da análise de literatura de pesquisas empíricas publicadas entre os anos de 2019 e 2024

##### **4.1. Objetivo específico**

Verificar e entender o papel da mídia e a influência da mesma nas questões de padrões corporais, a partir de levantamento empírico.

## **5. Método**

Foram seguidos os seguintes critérios de busca na seleção dos artigos utilizados:

### **5.1. Critério de seleção de artigo**

Como critério de inclusão dos artigos que foram selecionados, incluiu-se pesquisas publicadas nos últimos 5 anos, portanto, do período entre janeiro de 2019 e abril de 2024. Sendo a última data de coleta de material em /2024.

Foram incluídas somente pesquisas que se relacionam ao tema de transtorno dismórfico muscular e mídias sociais, excluindo artigos que se referissem a apenas um dos temas, fosse o transtorno dismórfico corporal ou as mídias sociais. Respeitando o recorte do transtorno específico, dentro dos transtornos dismórfico corporais.

Na questão de idiomas, foram incluídos artigos em língua portuguesa e espanhola.

Foram excluídas revisões bibliográficas e pesquisas teóricas, sendo analisadas apenas pesquisas de campo, de forma empírica, ou seja, envolvendo sujeitos. Desde que, em algum momento, a pesquisa verificasse uma possível correlação entre o transtorno dismórfico muscular e mídias sociais.

Por fim, optou-se por excluir trabalhos acadêmicos tais como trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e pós-graduações foram, a fim de manter este trabalho inteiramente baseado em artigos.

Ademais, o acesso aos artigos deveriam estar disponíveis para o público, podendo ter acesso gratuito pelo periódico ou através de outros meios acadêmicos como o Research Gate.

### **5.2. Bases consultadas**

As bases consultadas diretamente foram SciELO, BVS, portal CAPES e Google acadêmico entre os anos de 2019-2024.

### **5.3. Palavras-chave**

Foram utilizadas as seguintes palavras-chave na busca: “dismorfia muscular”; “vigorexia”; “transtorno dismórfico muscular”; “body Dysmorphic disorder”; insatisfação corporal”; “mídias sociais”; “redes sociais” e “social networking”. Sempre articuladas, de forma a filtrar os resultados para que os mesmos fossem mais apurados, conciliando pelo menos uma das palavras chave relacionada ao transtorno e outra relacionada à mídia.

### **5.4. Coleta de dados**

Após a seleção de critérios, as palavras-chave foram pesquisadas nas bases citadas, cujo resultado gerou pesquisas que foram selecionadas, primeiramente pelo título e, em seguida, por resumo.

O padrão seguido para a coleta de dados foi: leitura do título, leitura do resumo a fim de identificar a concordância com o tema, leitura objetiva das pesquisas selecionadas, visando identificar informações relevantes que devem ser discutidas, e, por fim, registro das informações relevantes para serem analisadas.

### **5.5. Procedimentos de análise**

Foram levantados os seguintes dados:

#### **5.5.1. Dados gerais do artigo**

- periódico
- título
- autoria
- ano de publicação
- país do primeiro autor

### **5.5.2. Método da pesquisa**

- Número de participantes
- Idade dos participantes
- Gênero dos participantes

### **5.5.3. Resultados da pesquisa**

- Descrição de influência significativa das mídias sociais no diagnóstico de dismorfia muscular
- descrição de ausência de influência das mídias sociais no diagnóstico de dismorfia muscular

### **5.5.4. Exclusão de artigos**

A pesquisa foi conduzida em quatro bases distintas de artigos: SciELO, portal CAPES, Google Acadêmico e BVS, totalizando 141 artigos como candidatos à análise. Contudo, a partir dos critérios estabelecidos previamente, uma segunda seleção foi realizada, visando identificar os artigos que satisfizessem todos os critérios requeridos, resultando na eleição de 14 dos 141 artigos para análise.

Na base da SciELO, a pesquisa resultou em 6 artigos, dos quais 4 foram descartados por não atenderem aos critérios estabelecidos, restando 2 artigos selecionados para análise.

No portal CAPES, foram encontrados 72 artigos, dos quais 7 foram selecionados para análise, enquanto 65 foram excluídos.

Na plataforma da BVS, a pesquisa resultou em 17 artigos, dos quais 2 foram selecionados para análise, e portanto, os outros 15 foram excluídos.

Ao buscar na base do Google Acadêmico, foram identificados 46 artigos potenciais, dos quais 4 foram selecionados para análise, enquanto 42 foram excluídos.

A partir das buscas e exclusões, obteve-se que, do total, 32 artigos foram excluídos por se tratarem de revisões bibliográficas; 48 pois não faziam verificação de uma possível correlação entre mídias sociais e o transtorno estudado; 11 por não possuírem acesso gratuito; 4 pois se tratavam de artigos com pesquisas teóricas, ou seja, que não envolviam sujeitos; 23 foram artigos duplicados, portanto apareceram

mais de uma vez na busca, mesmo que em diferentes bases; e, por fim, 9 se tratavam de trabalhos acadêmicos.

Considerando os trabalhos que foram selecionados para análise, os resultados serão divididos em apresentação, primeiramente dos dados gerais do artigo, que se tratam de informações sobre o artigo tais como ano de publicação, periódico em que foi publicado, autores e país. E depois, nos dados do método das pesquisas, que se configuram em informações sobre amostras e procedimentos.

## **6. Análise e Resultados**

A seguir, será apresentado, dividido em classes, os resultados coletados das pesquisas.

### **6.1. Dados gerais dos artigos**

Os dados gerais dos artigos que serão analisados serão: periódico da publicação, título dos artigos, autores, ano da publicação e país do primeiro autor.

#### **6.1.1. Periódicos**

Na tabela abaixo, apresentam-se os periódicos que retornaram pesquisas e suas respectivas quantidades:

*Tabela 1: Nome dos Periódicos*

<b>periódicos</b>	<b>número de artigos</b>
Cuadernos de Psicología del Deporte	1
Jornal Brasileiro de Psiquiatria	1
Jornal Unoeste	1
Revista Comportamento do Consumidor	1

Revista Brasileira de prescrição e Fisiologia do Exercício	1
Revista Debates em Psiquiatria	1
Psychology of Health	1
Revista Espanhola de Nutrición Humana y Dietética	1
Psicologia Teoria e Prática	1
Principia: Caminhos da Iniciação Científica	1
Coleção Pesquisa em Educação Física	1
Research, Society and Development	1
Revista Brasileira de Nutrição Esportiva	1
Arquivos Brasileiros de Educação Física	1

*Fonte: autora*

Curiosamente, não houve repetições de periódicos, mas percebeu-se que muitos dos periódicos são voltados para a área de educação física, nutrição e saúde esportiva. Isso, provavelmente, se deve ao fato de que, mesmo que o transtorno dismórfico corporal se enquadre nos transtornos psicológicos e de imagem, ele também implica diversas mudanças na saúde física, e principalmente no comportamento alimentar e de realização de exercícios físicos.

Portanto, como há mudanças explícitas e mais fáceis de serem identificadas desencadeadas pelo transtorno nessas áreas da vida do sujeito, é comum que se encontre artigos com este tema em periódicos que não são, necessariamente, voltados para a área da Psicologia.

### **6.1.2. Título dos artigos**

Segue, abaixo, uma tabela onde se encontram os títulos, em suas versões originais, dos artigos que foram analisados.

Tabela 2: Título dos artigos

	<b>Título</b>
1	Muscle Dysmorphia: predictive and protective factors in adolescents
2	Preditores de dismorfia muscular em homens brasileiros de minoria sexual e de gênero
3	Tempo de uso diário de redes sociais e risco de transtornos alimentares e de insatisfação corporal em universitárias
4	Evidência empírica do inventário sobre desordem da dismorfia muscular em praticantes regulares de academia
5	Níveis de dismorfia muscular em praticantes de treinamento resistido em Fortaleza, Ceará
6	Prevalência de transtorno alimentar e dismórfico corporal em adolescentes do sexo feminino: fatores de influência associados e comparação entre estudantes de rede pública
7	Does Accessed Content Matter? Social Media and Body (Dis)satisfaction: A Moderation Analysis
8	Prevalencia y factores asociados al consumo de suplementos nutricionales en asistentes a gimnasios de la Ciudad de México
9	Does Muscle Dysmorphia Predict Exercise Dependence and Orthorexia in Brazilian Exercise Practitioners?
10	Intervenção preventiva em distúrbios de imagem corporal, transtorno alimentar e dismorfia muscular: um estudo com homens brasileiros cisgêneros gays e bissexuais
11	Análise da autopercepção corporal em alunos das escolas profissionalizantes estaduais em Fortaleza/ Ceará
12	Avaliação do consumo de proteínas e lipídios por homens jovens praticantes de musculação com tendência à dismorfia muscular
13	Análise de transtornos dismórficos corporais e fatores associados em adultos praticantes em treinamento de força
14	Avaliação psicométrica do fator latente de internalização da aparência ideal do <i>Sociocultural Attitudes Towards Appearance Questionnaire- 4 Revised</i> (SATAQ-4R) em homens brasileiros cisgêneros gays e bissexuais

Fonte: autora

### 6.1.3. Autores

Tabela 3: Nome dos autores, país e ano de publicação de cada artigo

Artigo	Autores	País	Ano
1	Orrit, G.; Pablos, A.; Guzmán, FJ.	Espanha	2020
2	Baião, PH.; Souza, AG.; Santos, C.; Oliveira Júnior, ML.; Almeida, M.; Carvalho, PH.	Brasil	2023
3	Dias, C.; Lenquiste, S.; Rocha, L.; Gonzaga, L.; Gomes, R.	Brasil	2023
4	Formiga, N.; Borges, L.	Brasil	2021
5	Nunes Filho, JC.; Matos, R.; Pinto, D.; Nunes, M.	Brasil	2019
6	Tacca, AL.; Novaes, L.; Murad, F.; Marçal, J.; Klaus, G.; Zampieri, I.; Rodrigues, F.; Navarro, C.	Brasil	2023
7	Akerman, L.; Borsa, J.	Brasil	2022
8	Rivera, AC.; Ayala- Guzmán, CI.; Rolda, A.; Ramirez, O.; Ortiz- Hernández, L.	México	2021
9	Freire, G.; Fidélis, Y.; Fiorese, L.; Fortes, L.; Oliveira, D.; Nascimento Júnior, JR.	Brasil	2023
10	Almeida, M.; Baião, PH.; Souza, AG.; Oliveira Júnior, ML.; Santos, C.; Carvalho, PH.	Brasil	2023
11	Pinto, D.; Nunes Filho, JC.; Matos, R.; Caminha, J.; Pereira, D.; Neto, J.; Nunes, M.	Brasil	2019
12	Neri, R.; Mendes, N.; Silva, AL.; Pereira, T.	Brasil	2021
13	Roncada, C.; Teixeira, F.; Minuzzo, G.; Rambo, E.; Pietta-Dias, C.	Brasil	2020
14	Almeida, M.; Santos, C.; Oliveira Júnior, ML.; Carvalho, PH.	Brasil	2023

Fonte: autora

Uma peculiaridade encontrada entre os artigos, é que nenhum destes selecionados foram produzidos por apenas um autor, sendo assim, dentre essas produções, o mínimo de autores encontrado foi 2, enquanto a produção com mais autores em colaboração contou com 8 autores.

Na totalidade de todas as obras, foram contados 67 autores. No entanto, 10 autores escreveram mais de um artigo, reduzindo o número para 52 autores diferentes.

Além disso, destes 10 autores, percebeu-se que formaram dois grupos colaborativos, de forma que o mesmo grupo de autores de um artigo contribuiu para outro, eventualmente havendo a inclusão de algum outro autor ou exclusão de outro.

Os autores que mais escreveram artigos foram: Almeida, M.; Santos, C.; Oliveira Junior, ML.; e Carvalho, PH., uma vez que escreveram 3 artigos, em grupo.

*Tabela 4: Autores com mais pesquisas, quantidade de pesquisas e país*

Autor	Quantidade de pesquisas	País
Almeida, M.	3	Brasil
Santos, C.	3	Brasil
Oliveira Júnior, ML.	3	Brasil
Carvalho, PH	3	Brasil

*Fonte: autora*

O autor Maurício Almeida é mestre em Educação física pela Universidade Federal de Juíz de Fora (UFJF), faz parte de um grupo de pesquisas acerca de imagem corporal e transtornos alimentares, produziu 10 trabalhos sobre o tema, dos quais 3 serão utilizados nesta revisão bibliográfica.

O Autor Cleonaldo Gonçalves Santos é igualmente mestre em educação física pela UFJF e possui 5 trabalhos publicados acerca do tema de imagem corpora, transtornos alimentares e dismorfia muscular.

O autor Mauro Lúcio de Oliveira Júnior, no entanto, é professor e coordenador em enfermagem pela Universidade Presidente Antônio Carlos Governador Valares, Minas Gerais, pós graduado em ciências aplicadas à saúde, possui 4 trabalhos relacionados aos temas de dismorfia muscular, imagem corporal e transtornos alimentares.

Por fim, o autor Pedro Henrique Berbert de Carvalho tem graduação em educação física e doutorado em psicologia, pela Universidade Federal de Juíz de Fora (UFJF), é professor em Educação física, atualmente, e já produziu 68 trabalhos

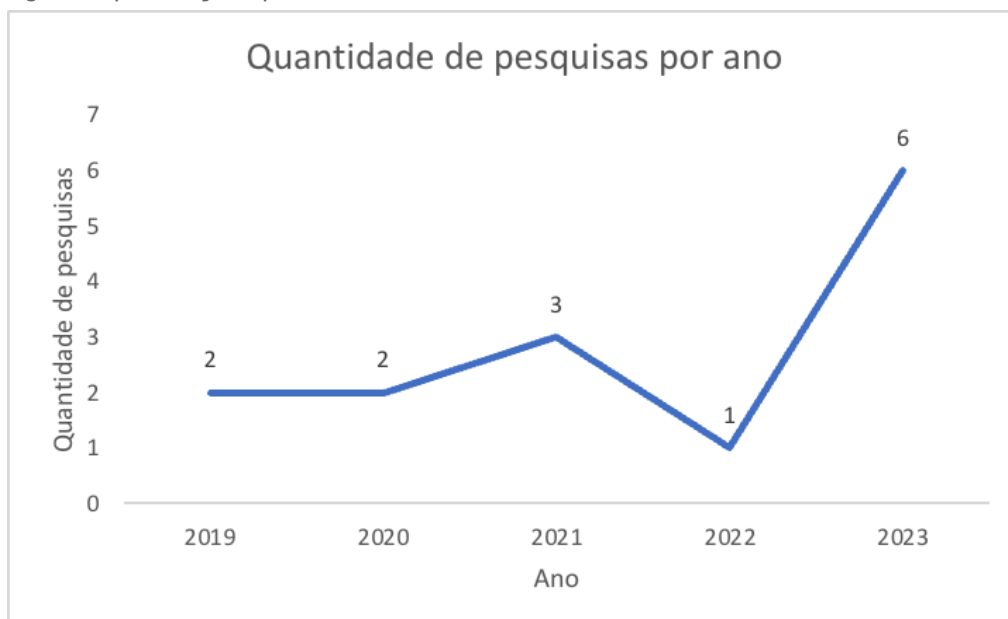
sobre os temas de imagem corporal, transtornos alimentares sob perspectiva sociocultural e psicométrica.

Como comentado previamente, estes 4 autores produziram estes trabalhos juntamente, podendo ser uma parceria justificada pelas temáticas próximas e em comum, bem como o local de estudos ser em Minas Gerais.

#### 6.1.4. Ano de Publicação

A seguir, apresenta-se um gráfico acerca da quantidade de publicações por ano acerca do tema.

Figura 1: publicações por ano



fonte: autora

Há uma peculiaridade na quantidade de artigos publicados por ano, de forma que inicialmente, em 2019 e 2020, havia certa constância em publicações, no ano seguinte, houve uma crescente de 50% e no ano seguinte, uma queda de 66,66%, para então, em 2023 crescer o número de publicações novamente, dessa vez em 500%, totalizando 6 artigos publicados, representando 42,86% da amostra de artigos analisados.

Contando com o recorte curto de período de tempo e crivo temático eleito para a pesquisa, ainda é possível ver uma crescente importante no interesse por pesquisas com os temas de transtorno dismórfico muscular e imagens corporal já relacionados com mídias e redes sociais.

Ainda, por conta dos elementos do crivo no processo de seleção de artigos, entende-se que estes artigos não abrangem todo o tema, e portanto, não se pode inferir motivos pelos quais a crescente explosiva se apresentou. No entanto, é possível apontar como hipótese que, recentemente, com o avanço tecnológico, o período de pandemia e logo em seguida, o período pós pandemia, sendo registrado um crescimento de publicações nas redes sociais, principalmente falando sobre o tema e uma crescente em buscas por exercícios físicos, academias e procedimentos estéticos, tenha influência no fator de interesse pelo assunto.

Como a crescente principal ocorreu no ano de 2023, não é possível identificar se ela tende a se manter, uma vez que os dados de 2024, neste momento, ainda não são consistentes, mas de forma geral, este dado pode ser interpretado de forma positiva, pois justifica uma intensificação no interesse pelo tema, e consequentemente, agrega maior visibilidade.

#### **6.1.5. Países**

Nesta etapa, foram contabilizados os países do primeiro autor que aparece na pesquisa. Ao todo foram encontrados 3 países, sendo eles: Brasil, totalizando 12 pesquisas, México, com 1 pesquisa e Espanha com 1 pesquisa.

Mesmo não havendo uma especificação de países, foram encontradas a grande maioria das pesquisas que foram utilizadas publicadas no Brasil, totalizando 12 pesquisas, e portanto, aproximadamente 85,7% da amostra total.

Não foi possível encontrar matérias ou artigos que justificassem o aumento na quantidade de pesquisas entre os anos de 2022 e 2023, bem como a concentração das pesquisas no Brasil. No entanto, em 2023, a jornalista Carolina Delboni escreveu uma matéria para o jornal Estadão, na qual ela fala sobre o aumento da insatisfação corporal em adolescentes do sexo masculino entre o período de 2015 e 2019, podendo-se, então, levantar a hipótese que houve um aumento e concentração de pesquisas pela relevância que o tema tem ganhado.

## 6.2. Métodos de Pesquisa

Como cada pesquisa possui um método, amostra e objetivo a ser cumprido diferentes entre si, apesar de terem o mesmo tema, foram reunidos dados quantitativos de cada pesquisa a fim de serem analisados qualitativamente. Portanto, foram buscadas semelhanças entre os artigos para serem comparadas e peculiaridades a serem destacadas, para apresentarem os dados julgados como mais relevantes.

A seguir, serão apresentados os tipos de amostra, objetivos das pesquisas, relação que o autor colocou entre mídia sociais e o transtorno estudado e os resultados gerais da pesquisa.

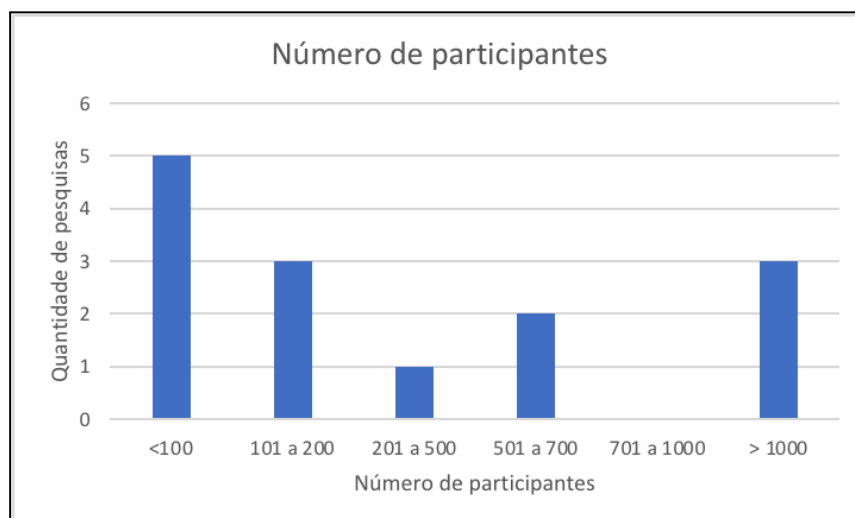
### 6.2.1. Amostras

Nessa categoria de análise, foram analisados o número de participantes, a idade e o gênero.

#### 6.2.1.1. Número de participantes

Referente à quantidade de participantes que cada pesquisa teve. Para análise, foram feitas divisões em faixas numéricas, conforme o gráfico abaixo

Figura 3: Quantidade de participantes



Fonte: autora

O menor número de participantes encontrado, dentre essas pesquisas foi de 30, enquanto o maior foi de 1444.

Nota-se que na categoria específica de até 100 participantes há a maior quantidade de pesquisas, quando considerado apenas essa categoria, no entanto, a grande maioria das pesquisas são pesquisas grandes, ou seja, acima de 100 sujeitos.

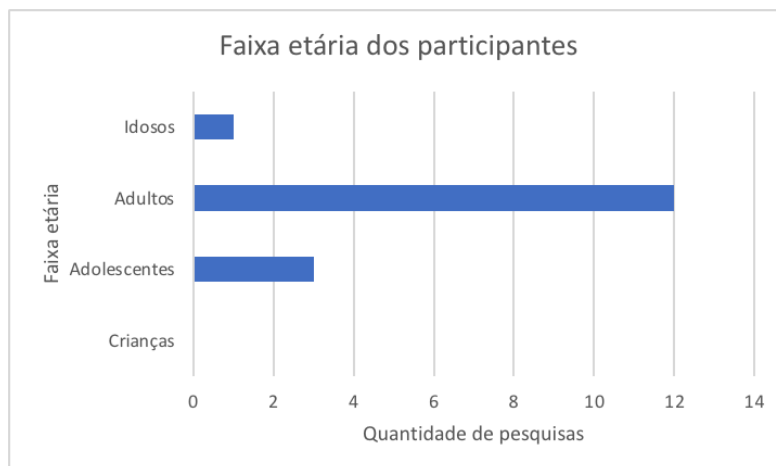
Em suma, são 5 pesquisas pequenas de até 100 participantes e 9 pesquisas maiores, a partir de 100 sujeitos. Ainda, chama a atenção que além das pesquisas menores que 100 sujeitos, outras classificações que se destacam são: a classificação de 101 a 200 sujeitos, com 3 pesquisas e, em seguida as pesquisas com mais de 1000 sujeitos, com, também, 3 pesquisas.

Além disso, ainda sobre as pesquisas com mais de 1000 sujeitos, tem-se que duas delas foram feitas pelos mesmos autores e com o mesmo tipo de amostragem, ou seja, homens cis gêneros gays e bissexuais. A última pesquisa, porém, não tem relação com os autores das anteriores e a amostra também se difere, incluindo homens e mulheres sem destaque para a sexualidade.

#### **6.2.1.2. Idade dos participantes**

A seguir, no gráfico abaixo estão representadas as faixas etárias que cada pesquisa analisou, para as idades consideradas: crianças de 0 a 15 anos; adolescentes, de 15 a 18 anos; adultos, de 18 a 60 anos e idosos, acima de 60 anos.

Figura 4: faixa etária dos participantes



Fonte: autora

Como pôde ser observado, a soma das quantidades de pesquisas ultrapassa 14, que é o número total de pesquisas analisadas, isso ocorreu pois, duas pesquisas trabalharam com mais de uma faixa etária, sendo que, uma delas abrangeu adolescentes e adultos, enquanto a outra, adultos e idosos.

De modo geral, com a ressalva de 3 pesquisas, que trabalharam com adolescentes, as outras 10 trabalharam exclusivamente com o público adulto, a partir dos 18 anos, sendo a faixa etária de inclusão preferida entre 18 e 50 anos, e por fim, uma única pesquisa trabalho com o público adulto e idoso, tendo limitações entre 18 anos no mínimo e 65 anos no máximo.

Pode-se inferir que essa especificidade se dá pois, como visto anteriormente, o desenvolvimento do transtorno dismórfico muscular se dá entre a adolescência e fase adulta, portanto, é coerente realizar pesquisas nessas faixas etárias.

### 6.2.1.3. Gênero dos participantes

Pelas características gerais do transtorno, que consistem em desenvolvimento, principalmente em homens, adolescentes e adultos, seria lógico encontrar mais pesquisas envolvendo homens, no entanto, o tema geral de transtornos dismórficos corporais e alimentares atinge, em sua

maioria, a população feminina. Bem como o próprio transtorno dismórfico muscular ter passado a ganhar certo destaque em populações femininas.

Deve-se considerar, ainda, que alguns autores optaram por realizar suas pesquisas com sujeitos apenas do sexo masculino ou apenas do sexo feminino, por conta disso, na tabela a seguir, há algumas pesquisas que tem algum dos gêneros zerado, uma vez que a totalidade de sujeitos se encontra em apenas um dos dois.

A partir disso, segue uma tabela com os gêneros:

*Tabela 5: Sujeitos por gênero*

<b>Pesquisa</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
1	296	210
2	1444	0
3	0	74
4	N/I	N/I
5	144	226
6	0	97
7	184	484
8	659	476
9	77	81
10	74	0
11	0	60
12	30	0
13	95	60
14	1409	0

*Fonte: Autora*

Dessa forma, ainda que haja mais homens em sua totalidade, o público feminino também teve uma parcela notável, considerando o histórico do transtorno. Assim, foram 4 pesquisas exclusivas ao público masculino contra 3 do público

feminino, mesmo que as pesquisas do público masculino foram muito maiores, a parcela feminina já se faz notada.

Ainda, nas pesquisas que abrangeram os dois públicos, que foram 6, excluindo uma que não especificou as quantidades dos públicos, 3 delas tiveram mais mulheres, reforçando o crescimento do transtorno nesse público.

Vale ressaltar que duas das pesquisas que trabalharam apenas com o gênero masculino tinha foco também em minorias, portanto, os trabalhos foram feitos com sujeitos de minoria sexual e de gênero desde que se identificassem como masculino.

### 6.2.2. Resultados das pesquisas

A seguir, há uma tabela apresentando resumidamente os resultados qualitativos obtidos por cada pesquisa. Vale ressaltar que alguns autores não relacionaram diretamente a questão de redes sociais ao transtorno em seus questionários, mas as relacionaram em suas discussões e conclusões, portanto, nesta tabela, estão contidos os resultados considerando, também, as discussões e conclusões dos artigos.

Ademais, considerando que cada artigo possui sua peculiaridade, principalmente envolvendo o objetivo da pesquisa, bem como métodos diferentes, embora todos utilizaram-se de questionários, foi selecionado qualitativamente cada resultado especificamente no momento em que o tema de transtorno dismórfico muscular é relacionado à mídia ou redes sociais.

Cada resultado será analisado e discutido mais especificamente posteriormente.

*Tabela 6: Resultados resumidos de cada artigo*

Pesquisa	Resultados das pesquisas
1	Foi comprovado como resultado que a paixão harmoniosa por exercícios é um indicativo protetivo contra a dismorfia muscular, enquanto a paixão obsessiva é um indicativo preditivo da mesma. Além disso, para o público masculino o reconhecimento e comprometimento sociais foram tidos como indicadores preditivos de dismorfia muscular.

2	<p>Observou-se que homens brasileiros de minoria sexual e de gênero tem maiores tendências a desenvolver dismorfia muscular. Internalização da aparência ideal, busca pela muscularidade e auto-objetificação foram tidos como mediadores centrais para o desenvolvimento de sinais e sintomas do transtorno dismórfico muscular, sendo que a mídia desempenha seu principal papel de influência na internalização da aparência ideal.</p>
3	<p>Grande maioria dos sujeitos se identificou como insatisfeita com a imagem corporal, apenas uma parcela apresentava sinais para o desenvolvimento de dismorfia muscular ou transtornos alimentares. De forma geral, não foram encontradas correlações entre uso de redes sociais e satisfação corporal, IMC e questionário EAT-26.</p>
4	<p>Foi identificada uma correlação direta entre o transtorno e autoestima. O exagero de exercícios foi tido como alerta preditivo do transtorno pois, o sujeito que busca tal atitude distrofica geralmente esta associado a todo o tipo de exercício em academias, seja motivado por saúde ou estética, que pode sofrer influência da pressão midiática.</p>
5	<p>A insatisfação corporal foi notada em níveis acima de 50% em todos os grupos da amostra, independente do IMC. A pesquisa também registrou que mulheres apresentam maior índice de insatisfação corporal e que os transtornos são mais presentes em treinos de força, sendo que em ambientes sem competições, há mais risco de desenvolvimento do transtorno. O mesmo também se mostrou associado a problemas psicológicos e a mídia foi colocada como uma possível influência motivadora.</p>
6	<p>Neste estudo foram encontradas uma alta prevalência de insatisfação corporal e alguma prevalência de transtornos alimentares, embora menor do que o transtorno dismórfico corporal. A mídia, por sua vez, foi colocada como fortemente influente em transtornos alimentares e insatisfação corporal, não tanto para transtorno dismórfico corporal. Amigos e família também foram colocados como fatores de influência</p>
7	<p>Para o público masculino, não foi encontrada diferença significativa entre participantes que seguem páginas relacionadas a aparência física nas redes sociais. No entanto, foi notado que quando o sujeito não segue tais páginas, a relação entre frequência de uso de redes sociais e satisfação corporal não é significativa, caso contrário, a relação é significativa e negativa. Quanto ao público feminino, foi retratado que quando as mesmas seguem as páginas de aparência nas redes sociais, os níveis de insatisfação corporal quanto a gordura são elevados.</p>
8	<p>Nessa pesquisa foi encontrada uma dualidade: para homens, há uma elevada preocupação em desenvolver massa muscular, enquanto mulheres têm mais interesse em perder gordura. A dismorfia muscular foi tido como o melhor Preditores de uso de substâncias nutricionais,</p>

	<p>e, nas pessoas que consomem esse tipo de substâncias, há uma maior probabilidade de desenvolverem transtornos dismórfico corporal. Ademais, as academias podem promover um ambiente propício e motivador para tal comportamento.</p>
9	<p>A dismorfia muscular foi provada como correlacionada positiva e significativamente com as dimensões de vício em exercícios físicos, além de favorecer a ortorexia em praticantes. Além disso, a insatisfação corporal, que pode sofrer influência das mídias, pode iniciar vários problemas relacionados à saúde física, mental e social, incluindo uso de substâncias endógenas, ansiedade, depressão, suicídio, comportamentos de risco para desenvolvimento de transtornos alimentares e dismórfico corporal.</p>
10	<p>Modelos socioculturais são enfáticos ao destacar a internalização de uma aparência ideal como um dos principais mediadores entre pressões socioculturais, inclusive da mídia, e sintomas do transtorno dismórfico muscular. Criou-se a hipótese de que se as intervenções reduzirem a internalização da aparência, os sujeitos tendem a ser menos propensos a desenvolver sintomas de transtornos alimentares e dismórfico muscular.</p>
11	<p>O índice de transtorno dismórfico muscular encontrado não foi significativamente elevado, contrastando com o nível de insatisfação corporal. O último, por sua vez, pode estar ligado à pressão midiática, uma vez que foi constatado que quanto menos mídia do tipo voltado à aparência corporal é consumida, menor o nível de insatisfação corporal.</p>
12	<p>Nessa pesquisa foi encontrado um percentual de 63,3% de tendência branda a moderada a transtorno dismórfico muscular e 6,7% de tendência elevada. Ademais, foi encontrado um elevado índice de consumo de dietas hiperproteicas e hiperlipídicas. A mídia foi colocada como um possível fator motivador, uma vez que se apresenta como uma vitrine de corpos perfeitos.</p>
13	<p>Foi constatado um alto índice de insatisfação corporal e dismorfia muscular, bem como foi colocada a mídia como divulgadora e influente na questão da adoção de uma beleza padronizada, colaborando, assim, para o aumento da insatisfação corporal e dismorfia muscular.</p>
14	<p>Nessa pesquisa obteve-se como resultado a internalização de uma aparência ideal, favorecida por pressões socioculturais, inclusive da mídia, é o principal mediador para o desenvolvimento de transtornos alimentares e dismórfico muscular, que por sua vez refletem numa elevada auto-objetificação e busca por muscularidade.</p>

Fonte: Autora

A partir da tabela acima, pode-se dizer, em suma, que em todas as pesquisas foram encontradas correlações positivas entre as redes sociais e o desenvolvimento de transtornos alimentares, transtornos dismórfico corporais e transtorno dismórfico muscular, mesmo que de forma indireta, ou seja, não relacionando as mídias e redes sociais diretamente em seus questionários aplicados, mas indiretamente em suas análises, discussões e conclusões.

Para posterior análise, as pesquisas foram divididas em dois grupos a serem analisados: resultados de correlação positiva e resultados de correlação negativa.

### **6.2.2.1. Resultados de correlação positiva**

Nessa classificação e análise entende-se como resultado positivo aqueles em que os autores fizeram uma correlação, em sua pesquisa, entre redes sociais e o transtorno dismórfico corporal, ou seja, artigos em que o autor citou essa correlação como positiva, mesmo que se dê de forma indireta.

Ainda nesse campo, tem-se os artigos: 1, 2, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14

Sobre o artigo 1: “Dismorfia Muscular: Fatores preditivos e protetores em adolescentes”, foi encontrado como resultado principal que um dos sinais protetores da dismorfia muscular é uma paixão harmoniosa pelos exercícios físicos, enquanto a paixão obsessiva foi comprovado como um sinal preditivo do transtorno. Reforçando, de certa forma, o que foi comprovado no artigo 5: “Níveis de dismorfia muscular em praticantes de treinamento resistido em Fortaleza, Ceará”, que indica que em ambientes onde os exercícios físicos estão presentes, mas sem competição, a tendência do sujeito desenvolver o transtorno dismórfico muscular é maior.

Além disso, também no artigo 5, foi constatado altos níveis de insatisfação corporal em todos os grupos da pesquisa, independente do nível de IMC, que poderia ser um indicativo diferencial, também foi registrado que as mulheres apresentam maior índice de insatisfação corporal e que, de forma geral, os transtornos, tanto alimentares quanto de dismorfia muscular aparecem mais frequentemente em praticantes de treino de força.

Dessa forma, pode-se inferir que o nível da paixão obsessiva pelos exercícios não depende e nem é motivada diretamente por uma competição entre as pessoas

presentes no ambiente, seja ele real ou virtual, mas a internalização da ideia e do desejo de alcançar o que almeja já é o suficiente para manter o nível de paixão.

Por outro lado, ainda na pesquisa 1, foi identificado que tanto o comprometimento quanto o reconhecimento social foram tidos como sinais preditivos da dismorfia muscular, reforçando a ideia de que não necessariamente haja uma competição entre as pessoas, mas o reconhecimento partido delas se transforme num motivador e, conseqüentemente, preditor da dismorfia muscular.

Já na pesquisa 2: “Preditores de dismorfia muscular em homens brasileiros de minoria sexual e de gênero” os resultados obtidos foram sobre probabilidade de desenvolvimento do transtorno, no momento em que dizem que o público masculino de minoria sexual e de gênero tem mais chances de desenvolvê-lo.

A mesma pesquisa continuou, dessa vez respondendo a pergunta inicial que foi apresentada, e ficou constatado que a busca pela muscularidade, internalização da aparência ideal e auto-objetificação assumiram papéis centrais de mediação para o desenvolvimento de sintomas do transtorno dismórfico muscular. Nesse caso, o papel influente da mídia entrou indiretamente, de forma que ele desempenha função na internalização da aparência ideal.

Esse tipo de resultado vai de encontro aos resultados da pesquisa 10: “Intervenção preventiva em distúrbios de imagem corporal, transtorno alimentar e dismorfia muscular: um estudo com homens brasileiros cisgêneros gays e bissexuais”, já que ela também destaca a internalização de uma aparência ideal como um dos principais mediadores entre pressões socioculturais, incluindo a midiática, e sintomas do transtorno dismórfico muscular. Dessa forma, chegou-se à hipótese de que se as intervenções com esse público reduzirem a internalização da aparência, a tendência é que os sujeitos sejam menos propensos ao desenvolvimento de sintomas, tanto de transtorno dismórfico muscular como de transtornos alimentares.

Já no artigo 4: “Evidência empírica do inventário sobre desordem da dismorfia muscular em praticantes regulares de academia”, primeiramente foi identificada uma relação direta entre o transtorno e a autoestima, nesse sentido, entra, também, a motivação pela qual o sujeito passou a seguir o padrão de comportamento exagerado em exercícios, que pode ser a saúde ou até mesmo estética, que por sua vez podem sofrer pressões socioculturais, seja de amigos, família ou mídia.

O artigo 6: “ Prevalência de transtorno alimentar e dismórfico corporal em adolescentes do sexo feminino: fatores de influência associados e comparação entre estudantes de rede pública” por sua vez, seguindo os resultados até então, também registrou alta prevalência de insatisfação corporal e prevalência menor de transtornos tanto alimentares quanto dismórfico corporais. E, novamente, a mídia foi colocada como bastante influente diretamente sobre insatisfação corporal e transtornos alimentares, não tendo tanta influência em transtornos dismórfico corporais, a família e amigos também foram colocados como fatores de influência, portanto, influência sociocultural.

Ainda se relacionando com os resultados já encontrados, o artigo 8: “Prevalência e fatores associados ao consumo de suplementos nutricionais entre frequentadores de academias da Cidade do México” encontrou uma dualidade, tendo resultados diferentes para a parte feminina da amostra das da masculina, sendo que a última apresentou uma preocupação elevada em desenvolver massa muscular, enquanto a primeira parcela apresenta mais interesse em perder gordura.

Dessa maneira, a dismorfia muscular foi tida como o melhor preditor de uso de substâncias nutricionais, e essas pessoas que consomem estes tipos de substâncias apresentam maior probabilidade de desenvolver algum tipo de transtorno dismórfico corporal, inclusive o muscular. Como fator de influência, foi posto que as próprias academias podem promover um ambiente propício e motivador para o consumo desses suplementos.

Novamente, a pesquisa 9: “Dismorfia muscular prediz dependência de exercício e ortorexia em praticantes de exercício brasileiros?” Encontrou que a mídia pode exercer influência sobre a insatisfação corporal, podendo iniciar vários problemas relacionados à saúde física, mental e social, inclusive os transtornos de dismorfia corporal, muscular e transtornos alimentares. A dismorfia muscular, foi correlacionada positiva e significativamente com dimensões de vício em exercícios físicos, favorecendo também a ortorexia em praticantes, questão central da pesquisa.

Repetindo as outras pesquisas, na pesquisa 11: “Análise da autopercepção corporal em alunos das escolas profissionalizantes estaduais em Fortaleza/ Ceará”, os níveis de insatisfação corporal é alto, enquanto o nível de transtorno é menor, novamente, a mídia é colocada como influenciadora da insatisfação corporal, já que

foi constatado que, quanto menor o tempo de exposição à mídia voltada à aparência corporal, menor o nível de insatisfação corporal.

Nas pesquisas 12, 13 e 14, “Avaliação do consumo de proteínas e lipídios por homens jovens praticantes de musculação com tendência à dismorfia muscular”; “Análise de transtornos dismórficos corporais e fatores associados em adultos praticantes em treinamento de força” e “Avaliação psicométrica do fator latente de internalização da aparência ideal do *Sociocultural Attitudes Towards Appearance Questionnaire- 4 Revised (SATAQ-4R)* em homens brasileiros cisgêneros gays e bissexuais”, os resultados foram bastante semelhantes, tanto entre si quanto em relação aos outros artigos já expostos.

De forma geral, não foram encontrados altos índices de transtorno dismórfico muscular, mas sim de insatisfação corporal, que, também como visto anteriormente, é colocada como diretamente influenciada pela mídia, uma vez que esta se apresenta como uma vitrine de corpos perfeitos, implicando a internalização dessa imagem e tipo corporal por parte dos sujeitos e, posteriormente, se torna um possível fator motivador a favor da prática de exercícios e, após isso, ainda há a possibilidade de uma busca incessante por muscularidade e consequente auto-objetificação.

#### **6.2.2.2. Resultados de correlação negativa**

Nessa classificação e análise, entende-se como resultado negativo aqueles em que os autores não fizeram relação positiva, em sua pesquisa, entre redes sociais e transtorno dismórfico muscular, mesmo que os temas tenham sido relacionados em algum momento da pesquisa.

Portanto, tem-se como exemplo os artigos: 3, 7

A pesquisa 3 apresentou um dilema em seus resultados. Primeiramente diz-se que a grande maioria das participantes se identificaram como insatisfeitas quanto ao corpo, mas que apenas uma parcela apresentava sinais favoráveis para o desenvolvimento de transtornos dismórfico muscular ou alimentar. A partir disso, a pesquisa clama não haver correlação entre uso de redes sociais e IMC, satisfação corporal e questionário EAT-26 (que foi um dos questionários aplicados pela pesquisa).

No entanto, os autores não se fixam a este resultado sem mencionar que em outra etapa da pesquisa foi constatado que mesmo que o resultado direto entre o transtorno e as redes não tenha sido observado, a influência mídia pode justificar o elevado índice de insatisfação corporal, uma vez que as participantes com maiores tendências ao desenvolvimento de transtorno eram aquelas que passavam mais tempo em suas redes sociais.

Além disso, as próprias participantes disseram acreditar que a mídia influencia ao menos no comportamento alimentar das pessoas.

O artigo 7: “O conteúdo acessado importa? Redes sociais e (in)satisfação corporal: uma análise moderada” sendo o segundo e último artigo que clamou não existir correlação entre mídia e transtorno dismórfico muscular, na verdade foi dividido em duas partes, isto pois, para o público masculino, não foi encontrada diferença significativa entre os participantes que seguem páginas na internet relacionada a aparência física, no entanto, o contrário não é verdadeiro, uma vez que também foi notado que, quando o sujeito não seguia tais páginas, a relação entre frequência de uso das redes sociais é significativa e positiva.

Ademais, a divisão mencionada ocorre nesse momento, pois apesar de alguns aspectos dos resultados do público masculino apontarem para uma possível influência, a julgar pela diferença significativa entre seguir ou não seguir as páginas nas redes sociais, para o público feminino, foi retratado que quando as mulheres seguem as páginas de redes sociais voltadas à aparência, a insatisfação corporal é elevada quanto a gordura, mas não tanto quanto à muscularidade.

## 7. Discussão

Após uma análise detalhada dos resultados das pesquisas coletadas, é possível observar que, em certa medida, todas elas convergem em algum ponto, mesmo aquelas que afirmam resultados opostos. Um exemplo dessa convergência é a mídia ser entendida como influente na questão da insatisfação corporal.

E como visto, embora muitos resultados tenham concordado entre si, aqueles contidos na sessão de resultados positivos, os artigos presentes na sessão de resultados negativos também concordaram na questão da influência da mídia sobre a insatisfação corporal. Uma vez que não foi comprovada a relação direta entre transtorno dismórfico muscular e uso de redes sociais, mas ficou claro a influência no nível de satisfação corporal, que consequentemente também tem potencial para influenciar o desenvolvimento do transtorno, uma vez que, como visto anteriormente na literatura, é necessário considerar várias questões da vida do sujeito antes de diagnosticá-lo com o transtorno, e, inclusive, um dos critérios para o diagnóstico é o nível de insatisfação corporal.

Portanto, considerando toda a literatura anterior trazida, que inclui definições do transtorno dismórfico muscular, seus sintomas, o processo de diagnóstico e as variáveis sociais, como, por exemplo, o contexto sociocultural atual, entendendo que o transtorno é algo complexo de ser entendido, pois há mais de uma frente a ser considerada, uma vez que muitas vezes, como visto anteriormente, os comportamentos exagerados sobre exercícios por vezes são entendidos como favoráveis à saúde, já que a própria mídia expõe a vitrine de que quanto mais músculos e/ ou magreza, mais feliz e saudável a pessoa é.

O que se verificou, no geral, da revisão bibliográfica é que não há evidências sobre uma relação direta entre o transtorno dismórfico corporal e o uso das redes sociais e exposição à mídia. Na maioria das pesquisas, no entanto, essa não foi uma variável pesquisada diretamente, portanto, qualquer articulação entre os temas foi feita indiretamente.

Considerando, portanto, a lógica que pôde ser formada a partir deste trabalho de que o transtorno dismórfico muscular deve ser diagnosticado a partir de uma

prática exagerada e patológica de exercícios físicos, bem como apresentar uma elevada insatisfação corporal e a internalização de uma imagem corporal ideal a qual se busca incessantemente sob motivação estética, e de que, conforme foi comprovado pelas pesquisas, a exposição à mídias e redes sociais, e até mesmo influência sociocultural, proveniente de amigos, família e histórico cultural de valorização da magreza e muscularidade.

É possível inferir, a partir dos dados presentes nos artigos que há ao menos uma influência indireta, pois, como a mídia tem grande potencial e de fato influencia na satisfação corporal da pessoa, e esta, por sua vez, é uma característica imprescindível no diagnóstico de transtorno dismórfico muscular, mesmo que não a única, conseqüentemente, quando a pessoa possui muito acesso a esse tipo de conteúdo, sua satisfação corporal tende a diminuir, o que aumenta a probabilidade dela desenvolver algum transtorno, seja ele de dismorfia muscular ou até mesmo outros transtornos dismórfico corporais ou, até mesmo, alimentares.

Além disso, é fundamental destacar que, embora tangencial ao tema principal desta revisão, foi observado nos artigos analisados que a mídia pode exercer uma influência significativa sobre as pessoas, levando-as a desenvolver sintomas de transtornos. Embora não tenha sido diretamente investigado neste estudo, os transtornos alimentares emergiram como os mais prevalentes entre os efeitos observados. Essa descoberta pode ser atribuída à crescente atenção dada ao transtorno dismórfico muscular recentemente. Pode-se inferir que, à medida que o transtorno dismórfico muscular se torne mais amplamente estudado na literatura, assim como os transtornos alimentares, que possuem uma base de pesquisa mais estabelecida, possa haver uma métrica melhor sobre o desenvolvimento do mesmo sob influência de variáveis sociais.

Além disso, é importante notar que a maioria dos trabalhos encontrados são de origem brasileira. Uma hipótese que pode ser levantada para explicar isso é o fato de que o Brasil é um dos países com maiores preocupações estéticas, evidenciadas, por exemplo, pelo número significativo de cirurgias plásticas e pelo uso de anabolizantes, conforme mencionado anteriormente.

No entanto, apesar de o transtorno ser considerado de natureza psicológica, é crucial reconhecer que as motivações muitas vezes estéticas podem passar despercebidas, pois, tais características do transtorno, como prática de exercícios, mesmo que exagerada, alimentação regrada e restrita, e o próprio padrão estético a

ser alcançado, são tidos como aparentemente saudáveis pela sociedade, como visto anteriormente.

Vale ressaltar também que o crescente interesse sobre o tema possivelmente reflete um aumento no número de pessoas com sintomas desse transtorno, especialmente após a pandemia. Embora ainda não haja pesquisas que comparem efetivamente a incidência do transtorno no seu surgimento ao cenário atual, é possível observar, a partir das pesquisas realizadas, que há um início de mudança no perfil de desenvolvimento do quadro, tanto em quantidade quanto em público.

Historicamente, acreditava-se que o transtorno se manifestava exclusivamente no público masculino. No entanto, embora ainda haja uma maior incidência nesse público, já se observa um início do transtorno também no público feminino. É importante notar que, para esse último, a motivação primeiramente costuma ser a redução da gordura corporal, em seguida, do aumento da muscularidade do corpo.

Ainda, por se tratar de um transtorno de ordem psicológica, é importante recordar que o transtorno pode surtir alguns efeitos na vida biopsicossocial da pessoa, além dos já mencionados como preocupação excessiva com a imagem corporal, o risco de transtornos alimentares e uso de substâncias, e uma insatisfação corporal extrema, presente no quadro, há ainda, o possível desenvolvimento de ansiedade ou depressão, que pode ser uma consequência da preocupação constante com a aparência muscular e isolamento social.

Também é importante mencionar que mesmo com o interesse aparentemente crescente no tema, ainda há uma escassez de pesquisas, principalmente aquelas que não são teóricas, e, sobretudo, do tema que foi analisado sob a perspectiva dessa revisão, este fato, por sua vez, pode ter resultado num quadro que não retrate a realidade com a precisão que se gostaria, por isso, é importante e necessário que mais estudos sejam realizados sobre o tema, de forma a conseguir detalhar melhor o cenário atual em que o transtorno se apresenta, bem como sua incidência, influências e motivações.

Partindo da análise dos resultados das pesquisas, foram identificadas algumas particularidades. Considerando o escopo específico e delimitado desta investigação, ainda que importante dentro do campo em expansão do transtorno dismórfico muscular, é necessário reconhecer que algumas suposições não podem

ser afirmadas com absoluta certeza, dada a necessidade de novas investigações nesta área. Entretanto, algumas hipóteses foram formuladas com base nestes estudos.

Inicialmente, destaca-se a dualidade de gênero como uma das observações proeminentes nos artigos analisados. O transtorno dismórfico muscular continua a ser mais prevalente entre indivíduos do gênero masculino, conforme sugerido pela literatura. Embora se observe um aumento nos diagnósticos entre indivíduos do gênero feminino, tal aumento é, ainda, pequeno, indicando um possível início de prevalência do transtorno neste segmento populacional, ainda que a maioria dos casos persista identificada no contexto masculino.

Por outro lado, a população feminina é mais suscetível a transtornos alimentares e à influência da mídia, especialmente no que diz respeito à imagem corporal e satisfação com a mesma. Esta dualidade sugere que a mídia exerce uma influência indireta no desenvolvimento do transtorno dismórfico muscular por meio de sua influência na percepção da imagem corporal. No entanto, é perceptível que a população masculina recebe menor atenção da mídia nesse contexto. Conseqüentemente, enquanto o foco predominante da mídia recai sobre os corpos femininos, a incidência do transtorno dismórfico muscular tende a ser menor, embora esta tendência se aplique apenas a este transtorno específico, já que os transtornos alimentares têm destaque nessa população.

Tal cenário levanta a hipótese de que as motivações subjacentes ao desenvolvimento de qualquer um dos transtornos mencionados variam de acordo com o gênero, estando estreitamente relacionadas aos padrões estéticos estabelecidos e valorizados pela sociedade. Pode-se inferir que as motivações para a população feminina estão relacionadas ao emagrecimento e perda de gordura, enquanto para a população masculina, estão voltadas para a muscularidade e consequente redução do teor de gordura, como mencionados nos artigos. Assim, são identificadas diferenças significativas nas motivações que influenciam os potenciais transtornos a serem desenvolvidos, mesmo que as pessoas estejam sujeitas ao mesmo processo de influência midiática.

Além disso, é crucial ressaltar que o desenvolvimento de tais transtornos não é puramente lógico, permitindo que, mesmo em ambientes semelhantes, os estímulos sejam interpretados de maneiras diferentes e subjetivas por cada

indivíduo. Assim, reforça-se a ideia de que esses transtornos vão além dos sintomas físicos, afetando principalmente o bem-estar psicológico e mental dos afetados.

Ainda na questão da mídia, considerando o tipo de pressão social exercido sobre os diferentes gêneros, pode se relacionar com o conceito de sociedade do espetáculo, do filósofo Guy Debord. De forma que nesse conceito, as relações sociais cotidianas são dominadas pela espetacularização, onde a imagem e a representação social desempenham papéis centrais. Nesse contexto, a mídia, por seus diversos meios de comunicação, cria e promove imagens idealizadas de beleza e padrões estéticos, que são exibidos como desejáveis, e conseqüentemente também moldam e influenciam as percepções das pessoas sobre si e os outros.

Dessa forma, a sociedade do espetáculo valoriza a imagem e visibilidade, e as pressões estéticas da mídia contribuem para essa dinâmica apresentada ao enfatizar a importância da aparência física e da conformidade dos padrões de beleza, criando um cenário onde as pessoas são incentivadas a se verem e serem vistas a partir desses padrões, podendo levar à obsessão pela imagem e busca incessante pela perfeição estética. Características observadas como cruciais no desenvolvimento do transtorno dismórfico muscular, e também os transtornos alimentares.

Assim, as pressões estéticas da mídia em relação aos diferentes gêneros são sintomáticas da sociedade do espetáculo, podendo explicar o alto índice de desenvolvimento dos transtornos e insatisfação corporal crescentes atualmente.

Uma hipótese levantada diz respeito à minoria sexual, sugerindo que este grupo populacional está sujeito a uma influência e pressão social mais evidente e explícita do que os indivíduos heterossexuais do gênero masculino. Dessa forma, poder-se-ia presumir que os membros da minoria sexual teriam uma probabilidade aumentada de desenvolver os transtornos mencionados. No entanto, esta hipótese não pôde ser confirmada, uma vez que apenas dois estudos, focalizados exclusivamente neste grupo, mencionaram a possibilidade de tal confirmação, sem, contudo, realizar comparações entre as diversas orientações sexuais no que concerne ao desenvolvimento do transtorno.

Além disso, outra peculiaridade que pôde ser inferida a partir da leitura dos artigos, somada a informações sociais, foi a de que o Brasil se porta como um dos países onde há maior procura por tratamentos com motivação estética, invasivos ou não, incluindo o uso de substâncias endógenas, como visto no artigo "Prevalencia y

factores asociados al consumo de suplementos nutricionales en asistentes a gimnasios de la Ciudad de México” de Rivera *tem al* em 2021. O mesmo artigo comenta, também, sobre o uso de suplementos alimentares, quando o Brasil é colocado como o segundo país com maior consumo de tais substâncias dentre aqueles pesquisados, ficando atrás apenas dos sauditas.

Estes fatos trazem um retrato do momento atual em que a sociedade vive, relacionando-se fortemente à sociedade do espetáculo previamente mencionada, uma vez que essas intervenções têm motivações puramente estéticas para serem procuradas, e relaciona-se, conseqüentemente ao desenvolvimento de transtornos, pois, uma vez que as medidas tomadas para melhorar o quadro de satisfação corporal são cada vez mais drásticas, reflete em cenários onde a obsessão pelo corpo e estético é, também, cada vez maior, sendo um ponto significativo para o desenvolvimento de transtornos alimentares e dismórfico corporal, seja ele o específico dismórfico muscular ou não.

Por fim, vale ressaltar a importância de um olhar sobre o transtorno não limitado aos sintomas do mesmo, mas considerando as condições e influências do ambiente ao qual o sujeito está exposto, incluindo o meio social, as relações que a pessoa mantém e a própria mídia que tem acesso, bem como as condições psicológicas que também influem no processamento de estímulos, e conseqüentemente, no desenvolvimento de algum transtorno.

## 8. Considerações Finais

Diante da indagação motivacional deste estudo, que se propôs a investigar a possível influência das redes sociais no desenvolvimento do transtorno dismórfico muscular, constata-se que, embora não tenha sido estabelecida uma correlação direta entre esses fenômenos devido à escassez de evidências conclusivas provenientes de pesquisas que abordem ambos os eventos de modo interligado, os resultados obtidos proporcionaram percepções valiosas acerca do papel exercido pela mídia na percepção corporal dos indivíduos.

Tornou-se explícito que a exposição midiática pode exercer um impacto considerável na percepção e satisfação corporal dos sujeitos, o que, conseqüentemente, pode contribuir indiretamente para o surgimento, tanto do transtorno estudado, quanto de outros transtornos alimentares e de dismorfia corporal, por exemplo. Tendo em vista que a insatisfação corporal representa um elemento fundamental no diagnóstico desses transtornos, torna-se crucial reconhecer o potencial impacto da mídia na saúde mental e emocional dos indivíduos.

No que tange ao propósito inicial do estudo, que consistiu em investigar uma eventual correlação entre as redes sociais e o desenvolvimento do Transtorno Dismórfico Muscular, bem como compreender o papel desempenhado pela mídia neste contexto, é possível inferir que tal correlação foi identificada de forma indireta, embora ainda positiva, assim, o objetivo foi atingido.

Observa-se, no entanto, que, embora não tenha sido comprovado que a mídia influencie diretamente no desenvolvimento do Transtorno dismórfico Muscular, há evidências substanciais, derivadas das características deste e de outros distúrbios, que apontam para uma influência significativa da mídia na questão da insatisfação com a própria imagem corporal, e conseqüentemente, um possível desenvolvimento de algum dos transtornos mencionados, ainda que de maneira subjetiva. Isso porque, embora todos os indivíduos estejam expostos ao mesmo ambiente midiático, a intensidade da exposição varia, resultando em diferentes suscetibilidades ao possível aumento da insatisfação corporal ou desenvolvimento de tais distúrbios.

Portanto, futuras investigações podem se aprofundar na análise da subjetividade dos estímulos midiáticos que atuam como potenciais influenciadores no desenvolvimento de transtornos, bem como no estudo de possíveis estímulos psicológicos e seu impacto na saúde mental dos receptores.

Diante desse cenário, é imprescindível a realização de mais estudos nessa área com o intuito de ampliar o entendimento sobre a relação entre mídia, insatisfação corporal e Transtorno dismórfico muscular. Somente por meio de uma pesquisa mais abrangente e aprofundada será possível obter informações mais sólidas e embasadas para subsidiar intervenções eficazes e políticas de saúde pública voltadas para a prevenção e tratamento desses transtornos.

Assim, este estudo não apenas enfatiza a importância de investigar a influência da mídia na saúde mental dos indivíduos, mas também ressalta a necessidade contínua de pesquisa e educação para promover uma relação mais saudável e equilibrada entre a mídia e a imagem corporal.

Em termos gerais, não foram identificadas grandes limitações na realização desta revisão bibliográfica, exceto pela escassez de pesquisas que abordem a relação entre o transtorno dismórfico muscular e as redes sociais, embora esta represente uma influência significativa em um dos fatores essenciais para o diagnóstico, como a satisfação corporal.

Portanto, reitera-se a necessidade premente de mais pesquisas sobre o tema, tanto do ponto de vista biológico quanto do ponto de vista psicológico, considerando que o próprio transtorno é encarado oficialmente pelos manuais de diagnóstico como de caráter psicológico, sendo que tais pesquisas podem ser benéficas não apenas para agregar novos conhecimentos à comunidade científica interessada, mas também para proporcionar um melhor entendimento, diagnóstico e tratamento do Transtorno dismórfico muscular para aqueles afetados por este transtorno.

## 9. Referências Bibliográficas

Akerman, L. P. F.; Borsa, J. C.. Does Accessed Content Matter? Social Media and Body (Dis)satisfaction: A Moderation Analysis. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 32, p. e3229, 2022.

Almeida, M.; Santos, C. G.; De Oliveira Júnior, M. L.; Carvalho, P. H. B. Avaliação psicométrica do fator latente de internalização da aparência ideal do Sociocultural Attitudes Towards Appearance Questionnaire-4 Revised (SATAQ-4R) em homens brasileiros cisgênero gays e bissexuais. **Arquivos Brasileiros de Educação Física, [S. l.]**, v. 6, n. 1, 2023. DOI: 10.20873/abef.2595-0096v6n13347.

Almeida, M.; Mol Baião, P. H.; De Souza, A. G. P.; De Oliveira Júnior, M. L.; Santos, C. G.; Berbert De Carvalho, P. H. Intervenção preventiva em distúrbios de imagem corporal, transtorno alimentar e dismorfia muscular:: um estudo com homens brasileiros cisgêneros gays e bissexuais. **Principia: Caminhos da Iniciação Científica, [S. l.]**, v. 23, 2024. DOI: 10.34019/2179-3700.2023.v23.40445.

Associação Americana de Psiquiatria. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

Anjos, Larissa Alves dos; Ferreira, Zâmia Aline Barros. Saúde estética: impactos emocionais causados pelo padrão de beleza imposto pela sociedade. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v.15, n.55, p.595-604, 2021.

Baião, P.H.; Souza, A.G.; Santos, C.; Oliveira Júnior, M.L.; Almeida, M.; Carvalho, P.H. Preditores de dismorfia muscular em homens brasileiros de minoria sexual e de gênero. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria [online]**. v. 72, n. 2, pp. 118-126, 2023.

Bandeira, M. L. V.; Imanishi, H. A. Vigorexia: Um estudo psicanalítico sobre o corpo e a sociedade na contemporaneidade. **Atas de Ciências da Saúde (ISSN 2448-3753)**, v. 11, n. 2, 2023.

Castro, P. S.; e Brandão, E. R. Desafios da atenção à anorexia nervosa na adolescência: etnografia em serviço público de saúde no Rio de Janeiro, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**. v. 23, n. 9, p. 2917- 2926, 2018.

Cavalcante, F. L. N.. Diário de Mídia: retrato, autorretrato e status. **Revista de literatura, linguística, educação e artes. Texto Digital, Florianópolis**, v. 16, n. 2, p. 240-272, 2020.

Chimbinha, I. G. M.; Jácome, A. N.; Silva, G. G.; Barreto, M. J. R.; Costa, I. C. C.. Transtornos Alimentares e Manifestações Oraís em Adolescentes. **Revista ciência plural**. v.5, n.3, pp. 1-20, 2019.

Cordás, T. A.; Claudino, A. De M.. Transtornos alimentares: fundamentos históricos. **Brazilian Journal os Psychiatry. Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 24, p. 03-06, dez, 2002.

Costa, Rogério da. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online]**. v. 9, n. 17, pp. 235-248, 2005.

Coutinho, C. de O.; Mota, T. M. L.; Santos, L. P.; Silva, T. S. da; Conde, T. N.; Mulder, A. da R. P. .; Seixas, C. M. The impact of the COVID-19 pandemic on eating disorders and their treatment: an integrative literature review. **Research, Society and Development, [S. I.]**, v. 10, n. 10, 2021.

Cunha, T. C.; Mattos, N. T. M.. A subjetividade contemporânea do homem gay: padronização estética, afeminofobia e vigorexia. *Revista Estudos Libertários - UFRJ*, Rio de Janeiro, v. 04, n. 11, p. 41-63, jul. 2022. ISSN 2675-0619.

Da Costa, J. P.; Figueiredo, R. S.; Ferreira, J. C. de S. O impacto das mídias sociais em transtornos alimentares: The impact of social media on eating disorders. **Brazilian Journal of Health Review, [S. I.]**, v. 5, n. 6, p. 22859–22875, 2022.

D'Andréa, C. F. B. Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos. Salvador: **Editores da universidade federal da Bahia (EDUFBA)**, 2020.

Debord, Guy. A sociedade do espetáculo. 4. ed. Rio de Janeiro: **Contraponto**, 2000.

Delboni, C. (2023, 20 de março). Vigorexia: a ditadura do corpo perfeito atinge meninos na adolescência. Estadão. Recuperado de [<https://www.estadao.com.br/emails/carolina-delboni/vigorexia-a-ditadura-do-corpo-perfeito-atinge-meninos-na-adolescencia/>].

Dias, C. R. V.; Lenquiste, S. A.; Rocha, L. M.; Gonzaga, L. A.; Gomes, R. L. Tempo de uso diário de redes sociais e risco de transtornos alimentares e de insatisfação corporal em universitárias. **Colloquium Vitae, [S. I.]**, v. 15, n. 1, p. 101–110, 2024. ISSN 1984-6436.

Fernández, A. M.. Historia de la anorexia nerviosa. **MoleQla**, v. 20, p. 15-17, 2015.

Feitosa Filho, O. A. Um Olhar Psicanalítico sobre a Vigorexia. **Revista subjetividades**, Fortaleza, v. 14, n.1, p. 162-171, 2014

Formiga, N. S.; Borges, L. P. Evidência empírica do inventário sobre desordem da dismorfia muscular em praticantes regulares de academia. **Revista**

**Comportamento do Consumidor**, v. 5, n. 3, p. 466-483, 2021. DOI: <https://doi.org/10.51359/2526-7884.2021.249161>. ISSN 2526-7884.

Freire, G. L. M.; Fidelix, Y. L.; Fiorese, L.; Fortes, L. de S.; Oliveira, D. V. de; Nascimento Júnior, J. R. A. do. Does muscle dysmorphia predict exercise dependence and orthorexia in Brazilian exercise practitioners? **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 25, n. 1, p. 1-12, São Paulo, SP, 2023. ISSN 1516-3687 (print), ISSN 1980-6906 (electronic version). <https://doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPPA14384.en>.

Freitas, T. L.; Zortea, G. B.; Wagner, V.; Oliveira, L. P. Vigorexia: influência dos padrões estéticos culturais e obsessão pelo corpo ideal. **Revista Inova Saúde**, Criciúma, v. 9, n. 2, p. 176-189, jul. 2019. ISSN 2317-2460.

Kataoka, A.; Lage, R. R.; Mendes, C. C. S.; Soares, N. G. O Transtorno Dismórfico Corporal e a influência da mídia na procura por cirurgia plástica: a importância da avaliação adequada. **Revista Brasileira de Cirurgia Plástica**, v. 38, n. 1, p. 1-6, 2023.

Koehler, S. M. F. Transtorno dismórfico corporal: implicações com a vivência da sexualidade saudável. **R. Científica UBM-Barra Mansa (RJ)**, v. 22, n. 43, p.78-101, 2020.

Lima, I. R. Q. D.; Silva Filho, R. L.; Carvalho, L. R. M. S. Prevalência de vigorexia em adultos jovens do sexo masculino frequentadores de academias e fisiculturistas. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar - ISSN 2675-6218**, [S. l.], v. 4, n. 11, p. e4114284, 2023. DOI: 10.47820/recima21.v4i11.4284.

Lopes, C. M. Identidades Bulímica e Anoréxica nas Redes Sociais. 2014. 88 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

Lourenço, P.; Lima, C. M.; Rodrigues, E. C. C.. Influência do Instagram no comportamento do consumidor. **FACES Journal**, Belo Horizonte, v. 19, n.2, p.89-102, 2020. ISSN 1984-6975

Marciano, B.R.. Linda de morrer: um estudo sobre os sentidos atribuídos pelas mulheres ao padrão de beleza veiculado nas redes sociais. Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia- Universidade do Sul de Santa Catarina, Santa Catarina, 2021.

Mendes, L. M.. Corpos filtrados: ansiedade social por aparência, autoestima e insatisfação corporal em adolescentes nas redes sociais - uma leitura junguiana. 2023. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

de Moraes R. B., dos Santos M. A., Leonidas C. *Repercussões do Acesso às Redes Sociais em Pessoas com Diagnóstico de Anorexia Nervosa*. **Estudos e**

**Pesquisas em Psicologia [Internet]**. v.21, n.3, pp.1178-119- graduação em psicologia, 2021. 27 p. Trabalho de conclusão de curso, Universidade UNISUL, Santa Catarina.

Moreira, M. D. A construção da imagem corporal nas redes sociais: padrões de beleza e discursos de influenciadores digitais. **PERcursos Linguísticos**, Vitória (ES), v. 10, n. 25, 2020, p. 144-162. ISSN: 2236-2592.

Néri, R. R.; Mendes, N. S. de O. S.; Silva, A. L. M.; Pereira, T. T.. Avaliação do consumo de proteínas e lipídios por homens jovens praticantes de musculação com tendência à dismorfia muscular. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 5, e2710514501, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i5.14501>. ISSN 2525-3409.

Nitsch A, Dlugosz H, Gibson D, Mehler PS. Medical complications of bulimia nervosa. **Cleve Clin J Med**. v.88. n.6,pp.333-343, 2021

Nunes Filho, J. C. C.; Pinto, D. V.; De Matos, R. S.; Nunes, M. P. O. Níveis de dismorfia muscular em praticantes de treinamento resistido em Fortaleza-CE. **RBPFEEX - Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, v. 13, n. 86, p. 1033-1040, 3 maio 2020.

Organização Mundial da Saúde. Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde: CID-11 (11ª ed.). Genebra: OMS, 2018.

Orrit, G; Pablos, A; Guzman, FJ. Muscle Dysmorphia: predictive and protective factors in adolescents. CPD, Murcia , v. 19, n. 3, p. 1-11, 2019 . Disponible en <[http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1578-84232019000300002&lng=es&nrm=iso](http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1578-84232019000300002&lng=es&nrm=iso)>. accedido en 21 mayo 2024. Epub 22-Jun-2020.

Pinto, D.V.; Nunes Filho, I.C.C.; Matos, R.S. de; Caminha, J. de S.R.; Pereira, D.C.B.H.G.; Vilar Neto, J. de O.; Nunes, M.P.O.; Análise da autopercepção corporal em alunos das escolas profissionalizantes estaduais em Fortaleza/CE. Coleção Pesquisa em Educação Física, Várzea Paulista, v.18, n.02, p.15-23, 2019. ISSN; 1981-4313.

Pinto, N. M. Corpos da moda: mídia e padrão de beleza. **XV Enecult, Salvador**, p. 13, 2019.

Primo, A. Afetividade e relacionamentos em tempos de isolamento social: intensificação do uso de mídias sociais para interação durante a pandemia de COVID-19. **Comunicação & Inovação**. v.21, n. 47, pp. 176-198, 2020.

Rocha, Rafael Moreton Alves da; Caurin, Nathália Bonugli. Insatisfação corporal, mídia e muscularidade: a busca pelo padrão inalcançável **Psicologia e Saúde em debate**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 121–133, 2023. DOI: 10.22289/2446-922X.V9N1A8.

Roncada, C.; Teixeira, F. J.; Minuzzo, G.; Rambo, E.; Pietta-Dias, C.. Análise de transtornos dismórficos corporais e fatores associados em adultos praticantes de treinamento de força. \*Revista Brasileira de Nutrição Esportiva\*, São Paulo, v. 14, n. 89, p. 576-585, nov./dez. 2020. ISSN 1981-9927.

Sánchez Rivera, A. C.; Ayala-Guzmán, C. I.; López Roldán, A. B.; Castro Ramírez, O. D.; Ortiz-Hernández, L. Prevalencia y factores asociados al consumo de suplementos nutricionales en asistentes a gimnasios de la Ciudad de México. **Revista Española de Nutrición Humana y Dietética**, [S. l.], v. 25, n. Supl. 1, p. e1159, 2021. DOI: 10.14306/renhyd.25.S1.1159. Disponível em: <https://renhyd.org/renhyd/article/view/1159>.

Santos, Ana Cláudia de Araújo; Alves, Edvaldo Carvalho; Oliveira, Henry Poncio Cruz de. O conceito de informação imagética na Ciência da Informação: aproximações teórico-conceituais. **Em Questão**, vol. 25, n. 2, pp. 39-65, 2019. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Santos, Manoel Antônio dos et al. Corpo, saúde e sociedade de consumo: a construção social do corpo saudável. **Saúde e Sociedade [online]**. v. 28, n. 3, pp. 239-252, 2019.

Sgarbi. M. T.; Sgarbi. M. C. T.; Ourofino. E. da S.; Fontes. A. L. O. da S.; Siqueira. E. C. de. Uma análise dos transtornos alimentares: anorexia nervosa e bulimia. **Revista Eletrônica Acervo Médico**, v. 23, n. 2, p. e12172, 2023.

Silva, Ana Flávia de Sousa, Japur, Camila Cremonesi e Penaforte, Fernanda Rodrigues de Oliveira. Repercussions of Social Networks on Their Users' Body Image: Integrative Review. **Psicologia: Teoria e Pesquisa [online]**. v. 36, pp. e36510, 2020.

Silveira, Lais Prediger; Nascimento, Rosimar do. Reflexão da beleza e estética dos tempos remotos aos hipermodernos **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 8, n. 6, p. 1706–1719, 2022. DOI: 10.51891/rease.v8i6.6117.

Sousa, Rita Rodrigues de; Moraes, Leizer Fernandes. Impactos das redes sociais na cultura e saúde mental dos usuários. **Revista Tecnologia e Sociedade**, v.17, n.48, p.147-162, 2021. ISSN 1984-3526

Stefani, Manuela Desiderio De et al. Tratamento dos transtornos alimentares: perfil sociodemográfico, desfechos e fatores associados. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria [online]**. v. 72, n. 3, pp. 143-151, 2023.

Tacca, A. L. F.; Novaes , L. C. B.; Murad, F. F. A.; Marçal, J. B. C.; Klaus, G. F.; Zampieri, I.; Rodrigues, F. V.; Navarro, C. M. Prevalência de transtorno alimentar e transtorno dismórfico corporal em adolescentes do sexo feminino: fatores de influência associados e comparação entre estudantes das redes pública e particular. **Debates em Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 13, p. 1–21, 2023. DOI: 10.25118/2763-9037.2023.v13.1007. Disponível em: <https://revistardp.org.br/revista/article/view/1007>.